



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

SITARRY SÁVILA ARAÚJO DE SANTANA

# **“TEATRO E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ENCONTRO POSSÍVEL?”**

Campina Grande/PB  
2011

SITARRY SÁVILA ARAÚJO DE SANTANA

“TEATRO E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ENCONTRO  
POSSÍVEL?”

Monografia apresentada no Curso de Pedagogia  
da Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento às exigências para obtenção do  
Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Mestre Adalgisa Rasia

Campina Grande/PB  
2011

S232t

Santana, Sitarry Sávila Araújo de.

Teatro na educação infantil [manuscrito]: um encontro possível? / Sitarry Sávila Araújo de Santana. – 2011.  
67f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Adalgisa Rasia, Departamento de Educação”.

1. Educação infantil. 2. Literatura infantil. 3. Teatro. I. Título.

21. CDD 372

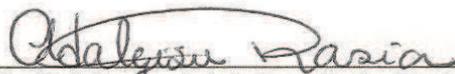
SITARRY SÁVILA ARAÚJO DE SANTANA

“TEATRO E EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ENCONTRO  
POSSÍVEL?”

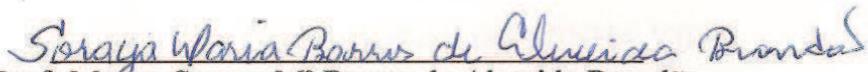
Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, referente ao Trabalho Acadêmico Orientado (TAO) em cumprimento às exigências para obtenção do Título de graduada em Pedagogia.

APROVADA EM: 02/12/2011.

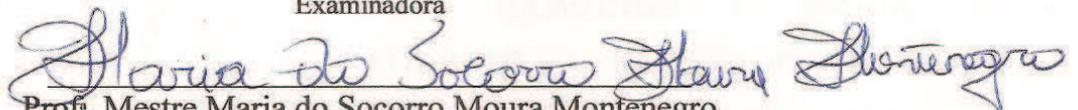
BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Mestre Adalgisa Maria Rasia  
Departamento de pedagogia – CEDUC/UEPB  
Orientadora



Prof.<sup>a</sup> Mestre Soraya M<sup>a</sup> Barros de Almeida Brandão  
Departamento de pedagogia – CEDUC/UEPB  
Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Mestre Maria do Socorro Moura Montenegro  
Departamento de pedagogia – CEDUC/UEPB  
Examinadora

Dedico esta monografia a deus, que sempre me ilumina e guia com sabedoria em todas as horas da minha vida.

Dedico também a meus pais, José Raimundo e Maria de Lourdes, a Kemerson Araújo e Sonale Sintia, que tanto amo.

## **AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

Inicialmente agradeço ao grande responsável pela vitória que é o termino deste curso, Deus, que com sua sabedoria e com o seu poder infinito, sempre esteve ao meu lado, dando-me força para continuar lutando por meus ideais. A Ele toda honra, toda glória e todo louvor.

Agradeço aos meus pais José Raimundo e Maria de Lourdes pela força, dedicação e amor incondicional, a Kemerson que sempre me incentivou a seguir em frente, sem desistir dos meus sonhos, a Sonale pelo seu apoio.

As professoras do Curso de Pedagogia da UEPB que fizeram parte dessa história.

Agradeço as colegas de curso pelas trocas e partilhas.

As professoras das redes, pública e privada, sujeitos desta pesquisa que generosamente participaram das entrevistas, e gentilmente contribuíram com seus conhecimentos e com sua riquíssima experiência, de suas práticas pedagógicas.

Agradeço de coração a minha orientadora, Adalgisa Rasia pela paciência, compreensão e disponibilidade que dedicou para que este trabalho aqui chegasse.

Agradeço as professoras da banca Soraya Brandão e Maria do Socorro Moura Montenegro que acolheram esta pesquisa e somaram com seus pareceres importantes e significativos.

Por fim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com esta pesquisa.

Muito obrigada!



Sitarry Sávila

*“NUNCA SABEMOS QUE RESULTADOS VIRÃO DE NOSSAS AÇÕES. MAS SE NÃO FIZERMOS NADA, NÃO EXISTIRÃO RESULTADOS”. (GANDHI, 1869-1948)*

## RESUMO

O presente estudo apresenta uma abordagem acerca da importância do teatro para educação infantil, trazendo como objetivo principal compreender, através de um resgate bibliográfico de vários teóricos, acerca do tema, como também analisar através de uma pesquisa de campo realizada com dez professoras, sendo cinco da rede particular e cinco da rede pública do município de Campina Grande. Conhecendo as práticas realizadas com os jogos dramáticos nas respectivas salas de aula de Educação Infantil através de seus discursos, detectamos que assim poderá desencadear processos de aprendizagens que contribuam para formação de sujeitos autônomos, críticos, mediados pelo pensamento dramático e pelas experiências individuais ou em grupo. Buscamos assim, através dessa proposta, investigar os procedimentos metodológico-pedagógicos que são desenvolvidos pelos professores da Educação Infantil, utilizando o teatro como ação educativa nas práticas pedagógicas realizadas nas salas de aula da Educação Infantil. Apresentamos a temática dos jogos dramáticos, como experiências que oferecem às crianças meios de exteriorizar seus sentimentos pelos gestos, expressões faciais, corporais e suas observações pessoais. Neste sentido, buscando ampliar os horizontes de nossa análise, realizamos um estudo através de uma concepção qualitativa usando como método de procedimento para a coleta de dados o instrumento (questionário) aplicado a 10 professoras da Educação Infantil de Campina Grande, o qual retratou a importância da utilização das atividades teatrais na sala de aula de Educação Infantil. Apresentamos como foco de investigação os procedimentos metodológico-pedagógicos que estão sendo desenvolvidos com o teatro enquanto ação educativa, de modo que pretendemos discutir a utilização do recurso do teatro na sala de aula da Educação infantil e a sua relevância diante do desenvolvimento integral da criança. O trabalho permitiu reconhecer que o teatro deixa de ser mais uma opção, e torna-se uma necessidade de quem trabalha com crianças de 0 a 6 anos.

**Palavras Chave:** Educação Infantil; Literatura Infantil; teatro.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I CAPÍTULO – CONTEXTUALIZANDO A ARTE .....	13
1.1- Arte e Educação .....	14
1.2- Arte-Educação na Educação Infantil .....	20
II CAPÍTULO – A LEITURA E O TEATRO INFANTIL .....	25
2.1- O Teatro e a Criança.....	33
2.2- O Jogo Dramático e as Atividades Teatrais .....	36
METODOLOGIA .....	50
RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	62
REFERÊNCIAS .....	64
ANEXOS .....	68

## INTRODUÇÃO

O teatro é uma atividade essencialmente humana, onde o homem expressa nessa forma de arte o seu pensamento, seus sentimentos, seus sonhos, sua forma de compreender o mundo, contando e recontando no instante da realização da atividade teatral suas próprias histórias, as histórias de sua sociedade e de outras culturas. O teatro tem atravessado séculos e séculos, pois, seu encantamento consiste na disposição do homem em acreditar no jogo teatral.

De acordo com Segundo a Enciclopédia Britânica Wikipédia, palavra teatro vem do grego **théatron** que significa “lugar de onde vê”. Explorando um pouco mais, podemos dizer que o teatro é onde os jogadores se vêem e podem ver o outro. A partir dessa afirmação ressaltamos também a influência social da atividade teatral para o sujeito que a realiza, pois engloba a pessoa envolvida em suas várias dimensões, ajudando-as em suas questões pessoais, emocionais, sociais, culturais, políticas. Dessa maneira, está implícito no fazer teatral a sua dimensão pedagógica que é fazer o ser humano desenvolver-se integralmente. Nesse caso, nas atividades teatrais podem ser abordadas diversas temáticas sociais importantes a serem trabalhadas na Educação Infantil sob várias perspectivas, como divertir, educar, desenvolver capacidades.

Neste sentido, para a realização de uma atividade teatral o educador pode trabalhar os aspectos corporal, emocional, intelectual, social, sendo possível afirmar que quando o homem está realizando-a, esta atua nele em sua totalidade e torna-se neste instante transformadora, em seu processo dinâmico, fundamentado na ação/reflexão. Para melhor compreensão nesse trabalho utilizaremos ora a nomenclatura teatro, ora jogo dramático ou teatral.

Destacamos também neste estudo as idéias de pensadores assim como Aristóteles e Platão que avaliaram a importância do jogo para o ensino, e consideravam o jogo fundamental na educação. Para Platão in (WAJNSZTEJN 2005) “a educação deveria acontecer de maneira lúdica e sem qualquer indício de constrangimento, para que as crianças pudessem desenvolver a tendência natural de seu caráter”. Já Leon Chancerel (1948, p. 20), afirma na introdução de seu livro *Jeux dramatiques dans l'éducation*, que, “se por um lado o jogo caracteriza-se como uma atividade natural da infância, por outro lado, entendem-

se regras e convenções que tanto o jogo como a arte não podem dispensar”. E enquanto qualificativo, emprega a palavra dramático, em vez de teatral, pois, esta desperta a idéia da cena e representação pública, justamente para desviar esta idéia, indicando que a criança se exprime pela ação, para seu prazer e desenvolvimento pessoal.

Aprofundamos, neste trabalho, algumas questões referentes aos jogos dramáticos que são experiências que darão às crianças meios de exteriorizar, pelos gestos, pelas expressões faciais e corporais ou pela voz, seus sentimentos e suas observações pessoais. Portanto, vemos essa atividade como a primeira manifestação teatral que ocorre no âmbito escolar. Esta pode ser uma atividade coletiva ou individual, mas sempre será livre, ou seja, participa quem quiser, e não tem como objetivo uma reprodução fiel da realidade. Tem como sua característica principal o prazer, sendo imprescindível que seu desenvolvimento aconteça levando todos os jogadores a sentirem prazer. Neste contexto, compreendemos “jogar”, ”brincar” e “representar” como atitudes muito semelhantes, chegando a termos dificuldade de distinguir as diferenças podemos então já que é algo tão natural da criança dizer que a atuação, as habilidades, a disciplina e as convenções do teatro são aprendidas organicamente (KOUDELA 1999, p.15).

Buscamos pensar as práticas lúdicas que levam as crianças a refletirem sobre o que, e como é a vida real, fazendo-os compreender que as incoerências existentes na sociedade podem ser superadas pelas vias das relações sociais, políticas, econômicas e humanas. E é com a representação ou criação coletiva que isto pode acontecer, pois a criação/atuação coletiva está no mais interior da atividade do jogo dramático, aspecto que pode ser de fundamental importância para o exercício da democracia, essencial para a formação de uma consciência crítica nos indivíduos. Sendo assim, possibilitar a criança um espaço para pensar sobre suas ações é o princípio para a construção da identidade e autonomia, características de um sujeito emancipado. No jogo dramático, o foco principal é a criatividade do indivíduo em expor-se por inteiro: primeiro na cena dramática, com as expressões corporais e gestuais, e depois com a fala. Trazendo as palavras de Paulo Freire (2000, p. 154) “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconcluso em permanente movimento na História”.

Dessa forma, se o educador deseja que seu aluno tenha bom desenvolvimento como

sujeito autônomo, reflexivo, precisa investir na mudança de algumas metodologias que permeiam o espaço escolar, e promovem um ambiente frio, vazio dos interesses dos alunos, também é importante refletirmos sobre a postura do professor formador de sujeitos no qual precisa investir na arte e ludicidade para o melhoramento desse ambiente.

Portanto, as atividades artísticas realizadas na escola devem ir em direção à construção de possibilidades que oportunizem o diálogo sobre o mundo. Para aprendermos a falar, a ler o mundo, a construir nossas identidades, é que Freire (2000, p.110) pensou seu projeto de educação: “Ensinar exige compreender que educação é uma forma de intervenção no mundo”. Portanto, podemos estar no mundo não somente para participar dele, mas para transformá-lo.

Este trabalho está desenvolvido em seu referencial teórico em 2 capítulos. No primeiro Capítulo, contextualizamos a arte e a Educação e as funções da aplicabilidade. No segundo capítulo a abordamos a Leitura e o teatro, referindo principalmente a criança e o jogo dramático e as propostas pedagógicas teatrais. E por último apresentamos a pesquisa de campo com os resultados em gráficos e analisados de forma qualitativa.

## **I. CAPÍTULO**

### **1. CONTEXTUALIZANDO A ARTE**

A importância e a riqueza da arte vêm da sua capacidade de unir as dimensões humanas: emotiva, racional, social e corporal. A experiência que a arte pode nos proporcionar é única, e nunca será substituída por nenhuma outra área do conhecimento humano. Significando que sem a arte nosso entendimento do mundo fica empobrecido. Quando conhecemos e entendemos a arte produzida pelo grupo cultural ao qual pertencemos, é muito importante para construção da nossa identidade.

#### **1.1 A Arte**

Podemos iniciar nossa discussão com a indagação: O que é arte? Segundo o dicionário digital Priberam, é a capacidade de aptidão do ser humano de aplicar conhecimentos e habilidade na execução de uma idéia, de um pensamento. É também uma atividade criadora do espírito humano, que busca representar as experiências coletivas ou individuais através de uma impressão estética, sensorial, emocional, cognitiva, social e ética.

Consideremos a arte como uma manifestação humana, pois, podemos através dela, dar significados e sentido ao mundo que nos rodeia. Por meio de suas expressões simbólicas nos é possível representar idéias através de diversas linguagens específicas, como a pintura, o desenho, a dança, a música, a literatura, o teatro, dentre outras formas expressivas. Desta maneira, a arte vai modificando o mundo estranho, vazio de significados e de sentido, lugar de tristezas, decepção, discriminação e exclusão em um ambiente mais agradável e prazeroso para se viver. Diante dessas afirmações sobre a arte, surge a pergunta: Como surgiu a arte então? A arte sempre esteve presente em todas as formações culturais, desde o início da

história da humanidade, carregando em si os pensamentos e sentimentos de sua geração, a sua cultura temporal.

Cada cultura apresenta, pois uma maneira sua, peculiar, de sentir o mundo, e de nele atuar. Cada cultura tem suas construções próprias: sua alimentação, seus costumes, sua religião, sua arquitetura, sua política, valores e etc. Um fenômeno comum a todas as culturas- desde as mais “primitivas” às mais “civilizadas”, desde as mais antigas às mais atuais- é a arte (DUARTE, 2008, p.37).

Portanto, podemos encontrar a arte, considerada por Duarte, como um fenômeno presente na cultura de várias épocas, por exemplo, em situações cotidianas, como no caso das pinturas rupestres encontradas em cavernas relatando os fenômenos naturais, ou também nas cenas de caça, contendo no íntimo, uma representação do próprio dia-a-dia dos homens das cavernas, durante a Pré-história, nas construções de monumentos e esculturas de pedras colossais, durante o período neolítico, na arquitetura e nas peças artesanais gregas traduzindo toda a importância do belo para eles naquela época, nas importantíssimas caligrafias Árabes, nas esculturas egípcias que pretendiam obter a eternização do homem, na beleza das gigantescas pirâmides e dos belos palácios egípcios que guardavam dentro deles toda sua cultura, nas evoluções da arte em movimentos artísticos nos períodos do neoclassicismo, Barroco e modernismo trazendo consigo todos os pensamentos e sentimentos da época, na realização de rituais, danças, pinturas corporais e na produção de instrumentos de caça e de música, cestas, vasos, cocares, adornos nas aldeias indígenas, nas artes presentes nos trabalhos de diversos artistas que nos apresentam pinturas diversificadas, modelagem com argila – cerâmicas – trabalhos com sementes, literatura ou mesmo nas artes contemporâneas que hoje temos o prazer de apreciar como música, dança de vários estilos, teatro de diversas formas e tantas outras expressões artísticas que surgem e se aprimoram no passar dos tempos.

Porém, devemos indagar qual a relação destas questões com a educação e especificamente com a educação infantil? No interesse de explicitar esta indagação, faremos rapidamente um retrospecto da arte na educação, enfocando o teatro e também da educação infantil. Por fim, com base nos dados posteriormente apresentados analisaremos o papel do teatro na Educação Infantil, sua importância, seu lugar e sua relevância.

## **1.2. Arte e Educação**

Todos nós que passamos por uma escola, tivemos a oportunidade de frequentar as aulas de arte. Elas estavam lá e faziam parte de um currículo que as apertavam em meio a tantas outras disciplinas consideradas sérias, de conteúdos “importantes” para nosso futuro.

Ao remetermos ao passado, especificamente às aulas de Arte, provavelmente, lembraremos dessas aulas com carinho e saudade, em que dramatizávamos, cantávamos, desenhávamos, dançávamos, pitávamos livremente, modelávamos, colávamos, fazíamos dobraduras, esculturas etc. E até podemos concluir como apenas laser, que, ao contrário das outras disciplinas, não comportava em sua grade um conteúdo para nosso futuro. No entanto, pode-se afirmar que tais aulas só serviam para descansar a pressão feita pelas outras disciplinas? Que elas eram impróprias para o nosso desenvolvimento cognitivo e social? Será que elas realmente não poderiam contribuir para nosso desenvolvimento de maneira útil e agradável? Mas, o que temos a dizer acerca do útil e do agradável? Bem, a palavra útil no dicionário digital Priberam, significa o que tem algum uso; Aquilo que tem utilidade; Que serve para algo; que traz benefício. Já agradável no mesmo dicionário, é aquilo que agrada, satisfaz, que proporciona prazer (aos sentidos), sensação de bem-estar.

Fazendo uma ponte com a escola, na visão de muitos, útil se encaixariam nas atividades trabalhosas tensas, ou seja, as obrigações que temos de cumprir, como decorar verbos, fazer cálculos, saber a tabela periódica, ou seja, memorizar conteúdos específicos para determinadas avaliações, já as agradáveis seriam aquelas que nos damos o privilégio de realizá-las depois das obrigações cumpridas, no caso do dia-a-dia na escola ficam apenas na hora do intervalo (recreio), ou nas aulas de Artes, onde deixamos de agir e pensar apenas com a razão e permitimos a manifestação das emoções e dos sentimentos. Porém, acredito que seja possível integrar a emoção e a razão em um único momento que uma ajude a outra em um desenvolvimento contínuo em longo prazo. Pois, como afirma Duarte (2008, p.12), “talvez as emoções não atrapalhem como usualmente se acredita nosso desenvolvimento intelectual. Pode ser até que ambos - razão e emoção se completem e se desenvolvam mutuamente, dialeticamente”.

Consequentemente, com base em afirmações e pensamentos como este, ao autor e educadores passaram a refletir e analisar uma educação que não excluísse áreas do conhecimento, no entanto, que elas interagissem entre si. Nesse caso, propuseram uma educação que se baseasse não apenas na razão, mas também se preocupasse com a emoção, ou seja, uma aprendizagem

que partisse da expressão daquilo que sentimos, para então aprendermos com desejo e prazer aquilo que nos é proposto. Nessa dimensão, surgiu *uma educação através da arte*, expressão fundamentada pelas idéias do poeta anarquista, crítico de arte e de literatura e filósofo britânico Herbert Read em 1943, expressão essa que simplificada com o passar dos tempos tornou-se “Arte-educação” (READ, p.155).

Parece-me importante destacar que a manifestação mais conhecida neste movimento foi a tendência da livre expressão, abundantemente influenciada pela inovação das idéias de Viktor Lowenfeld, no qual, “acreditava que a potencialidade criadora se desenvolvia naturalmente em estágios sucessivos, desde que se oferecessem condições adequadas para que a criança pudesse se expressar livremente” (PCN Arte, 1997. P. 22). Mas, para entendermos melhor a importância e excelência dessa educação pela livre expressão para a Educação Infantil, na qual se preocupa com o sentir da criança e se permite a exposição desse sentir e de seus pensamentos, vejamos como a criança era tratada e vista desde os primórdios até os dias atuais e contemplemos o surgimento da Educação Infantil.

Voltando-nos para a Idade Média, ou Idade das Trevas como era conhecida, observemos a situação da criança segundo Rousseau (In: Drouet, 1997, p. 11) “desde a Idade Média até o século XVIII a criança era vista como um adulto em miniatura. Um ser que sabia menos, ignorante, e não um ser que tinha estrutura de pensamento diferente do adulto”. Não respeitavam a fase que a criança se encontrava, não levavam em consideração a especificidade da criança, nunca se preocupavam em conhecer como realmente se constituía a infância, pois não somente ontem como também muitas vezes hoje

procuram sempre o homem no menino, sem cuidar no que ele é antes de ser homem. Cumpre, pois, estudar o menino. “Não se conhece a infância; com as falsas idéias que se tem dela, quanto mais longe vão mais se extraviam”. A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir, que lhes são próprias. (ROUSSEAU apud LUZURIAGA, 1989, p.166).

Nesta época era comum a criança ser adultizada, como já dito, ela era considerada um pequeno adulto ou, um adulto em miniatura como os termos utilizados por Rousseau em seus relatos acima citados, que, na maioria das vezes realizava as mesmas atividades dos mais velhos, geralmente acompanhava-os as reuniões, festas participando de todas as conversas, mesmo que estas fossem desapropriadas à sua idade. O objetivo da sociedade feudal estava na criança crescer rapidamente e ingressar na vida adulta, por isso aos sete anos, a criança (tanto rica quanto pobre) era vinculada à outra família para a aquisição dos valores humanos e conhecimentos as experiências práticas como os trabalhos domésticos. Essa atitude em fazer

com que a criança aprenda em outra casa levava a criança a sair do controle da família genitora, não tendo a possibilidade da criação do vínculo afetivo entre pais e filhos.

No entanto, a partir do século XVI, precisamente no momento em que a burguesia se estabeleceu, surgem duas concepções contraditórias referente à criança: a primeira considerava-a imperfeita e incompleta, que trazia consigo o mal e é representada pelo interesse do adulto na moralização da criança; enquanto a segunda delas considera-a inocente, ingênua e é representada pela paparicação e ajuda direta dos adultos. Contudo, ainda na sociedade burguesa se estabelece a concepção de que a criança necessita sim de carinho, porém, como forma de afetividade, não paparico, que esta também precisa de cuidados, de escolarização e preparação para uma atuação cidadã futura, como relata (RIZZO 1985, p.12) sobre algumas das idéias sobre a educação das crianças pequenas que foram registradas em documentos deixados por Platão e nos apontam como objetivo da educação o preparo para o exercício futuro da cidadania.

Sendo assim, precisamos refletir como uma forma de reconhecimento da necessidade de visualizar a infância como um período específico do desenvolvimento humano, que apresenta características inerentes, as quais precisam ser estudadas e também respeitadas. Jean Jacques Rousseau ressalta esse aspecto ao afirmar que: a criança não poderia ser considerada meramente como um adulto em miniatura, “mas que ela vive em um mundo próprio cabendo ao adulto compreendê-la”.

Já no início do século XX, a educação apresentou algumas mudanças sensíveis com alguns movimentos de renovação pedagógica, na qual a criança era educada com base em fortes traços de uma educação formalista, a sociedade começava a se voltar para os interesses e necessidades das crianças, tal renovação foi conhecida como “movimento das escolas novas”. As idéias da “Escola Nova” foram introduzidas no Brasil em 1882, pelo jurista, político, diplomata, lobista, escritor, filósofo, tradutor e orador brasileiro, Rui Barbosa (1849-1923). Tal Manifesto resultou em uma IV Conferência Nacional de Educação realizada em dezembro de 1931 que reuniu muitos educadores, no intuito destes colaborarem na definição da política educacional. Os participantes envolvidos pelos ideais de John Dewey promulgam em 1932 o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, sendo aceito e assinado por 26 intelectuais de diferentes posições ideológicas e formações diversas – médicos, advogados,

jornalistas, professores, que eram inspirados nas idéias do direito de todos à educação e da igualdade entre os homens (Ferraz & Fusari, 1999).

Segundo Libânea Xavier (2002, p. 29), como em todo e qualquer manifesto, seu objetivo intrínseco era gerar repercussão, causar impacto. Ao expor idéias novas, o Manifesto estimulou o debate educacional e nesse sentido, o Manifesto introduziu uma nova temática ao debate educacional tomando por base a defesa da escola pública, obrigatória, gratuita e legal, e da co-educação.

Diria ainda, que se fez necessário um novo olhar para a educação na qual, o homem é visto como um ser capaz de adaptar-se às novas descobertas, então, esse movimento dependia de uma mudança de mentalidade que só poderia ser desencadeada por meio da renovação educacional. O Movimento dos Pioneiros da Educação proporciona então, nesse momento de renovação do pensamento educacional e educação pré-escolar, com a propagação de praças de jogos nas cidades de São Paulo, por Mario de Andrade, tendo como base os jardins-de-infância de Froebel que deram origem aos parques infantis, onde as crianças da classe popular eram submetidas a algumas propostas de trabalhos educacionais.

Em paralelo a esse movimento, acontecia a revolução industrial que propiciou um aumento significativo em números de fábricas, e ampliou o campo de trabalho para as mulheres que muitas vezes trabalhavam 16 a 18 horas diárias, necessitando deixar seus filhos sozinhos. Para suprir estas novas necessidades sociais, foram criadas instituições como a Fundação Romão Duarte de Mello Mattos, mais conhecida como “Roda”, local onde as mães podiam deixar seus filhos, baseadas no modelo Francês *gardeuses d’enfants* (guarda de crianças) com a finalidade de retirar as crianças que perambulavam enquanto suas mães trabalhavam. Tais instituições visavam afastar as crianças pobres do trabalho servil que o sistema capitalista em expansão lhes impunha, além de servir como guardiãs. Nesse sentido, a pré-escola tinha como função principal a guarda das crianças.

Através deste resgate histórico, chegamos à década de quarenta no Brasil, quando começaram a crescer as iniciativas governamentais para o atendimento das crianças, que eram entendidas como “mal necessário”. A preocupação das creches que tinha o caráter assistencial - protetoral no trabalho com as crianças estava na sua segurança-física, na alimentação, nos cuidados com a higiene. Com o significativo aumento da mulher no mercado de trabalho, por consequência da industrialização e da urbanização, houve um aumento considerável, na

procura por creches e parques infantis de período integral, pelas trabalhadoras. Por conseguinte, apenas com a aprovação em 1961 da (Lei 4024/61) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, prosperaram o olhar sobre as crianças apontado desde a criação dos jardins-de-infância: Podemos citar alguns importantes artigos que se referem às crianças pequenas na introdução no sistema de ensino: O art. 23(LDB) diz – “A educação pré-primária destina-se aos menores de 7 (sete) anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância”(BRASIL, 1996).

A LDB( Art. 24) Preconiza que – “As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de 7 (sete) anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária”.

Diante da (LDB) referida lei, a sociedade segundo (OLIVEIRA 2005, p102).

refletia o dinamismo do contexto sociopolítico do início da década de 60, que seria alterado pelos governos militares instaurados no país a partir de 1964, com marcantes reflexos sobre a educação em geral e a educação das crianças pequenas em particular.

A proposta da Lei 5692/71 trouxe também contribuições significativas em relação à educação Infantil, na qual declarava que “Os sistemas velarão para que as crianças de idade inferior a sete anos recebam educação em escolas maternas, jardins-de-infância ou instituições equivalentes”. Com a Constituição Federal de 1988 a criança é considerada como sujeito de direitos. Em 1990 é reafirmado o direito da criança às creches e pré-escolas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8.069/1990 art.5/IV) no qual lista minuciosamente os direitos da criança e do adolescente. Pouco depois, em 1996 pela (LDB) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (Lei Federal 9.394/96 art.21e 29) regulamenta a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica e define a co-responsabilidade da União, dos Estados e dos Municípios em relação à Educação Infantil (art.8 e 9) como também a responsabilidade prioritária do município na execução direta da política decorrente. (art.11/5), fazendo menção aos direitos específicos das crianças definindo, direito da criança de 0 a 6 anos de idade e dever do Estado o “atendimento em creche e pré-escola”, e em seu artigo 227 define, mais amplamente, os direitos da infância brasileira:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar comunitária. (BRASIL, 1996, p.137).

Podemos dizer que a partir de então, as crianças são reconhecidas na legislação brasileira (art.298/IV) como sujeitos de direitos, e afirmados pela Constituição, o caráter educacional das creches e pré-escolas. A nova Carta nomeia formas concretas de garantir principalmente a educação das crianças e não só amparo; garante a Educação Infantil como direito dos pais trabalhadores (art.7/ XXV) e das crianças (art.227).

È possível considerar tais avanços legais como resultado das demandas sociais, que busquem uma Educação Infantil não somente pela estruturação da família, com a saída da mulher para o mercado de trabalho, mas, principalmente pelos avanços na compreensão da importância da Educação Infantil para o desenvolvimento pleno da criança.

Nesse contexto, em meados dos anos 90, no âmbito das políticas educativas, os municípios brasileiros assumem o atendimento à educação infantil, cumprindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. Nesse momento, a Educação Infantil é reconhecida como primeira etapa da Educação Básica tendo como objetivo o desenvolvimento integral da criança, precisando respeitar sua singularidade e suas diferenças, no sentido em que, o olhar sobre a criança muda, sendo esta agora, um sujeito com necessidades sociais, afetivas e pedagógicas, que deve ser amparada pela sociedade em instituições que possam possibilitar o seu desenvolvimento pleno e promover a ampliação de suas vivências num processo de construção da sua identidade.

### **1.3- Arte-educação na educação infantil**

Baseando-se no direito da criança à educação e atendimento específico em creches e pré escolas de 0 a 6 (zero a seis) anos e também no novo olhar depositado nela abarcando a importância da livre expressão citada anteriormente, discutiremos acerca da Educação Infantil e a sua relação com a Arte, em especial o teatro, salientada pela LDB (Art. 29 p. 17). “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Partindo do pressuposto que a arte-educação é uma grande aliada nesse desenvolvimento integral infantil, é preciso anular as dúvidas acerca de tal educação.

Arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma de suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para o mundo que cerca cada um de nós. (DUARTE, 2008 p.12).

Utilizamos tal afirmação para mostrar que a arte-educação não é o estudo para adquirir uma determinada técnica específica como dramatizar, dançar, cantar, pintar etc, que visa criar e potencializar artistas, mas, é dar espaço para o nível do sentir, é permitir a movimentação dos nossos sentimentos para serem fundidos, posteriormente simbolizados e então levados ao nível da razão, para obtermos possíveis aquisições de conhecimentos cognitivos, afetivos e sociais. Definimo-la como a tentativa de concretizar os elementos do “sentir” humano em formas harmônicas, ou seja, a transformação em formas objetivas das manifestações subjetivas do homem. DUARTE, (2008 p. 75) define a arte-Educação como “Estimulo para que cada um exprima aquilo que sente e percebe. Com base nessa expressão pessoal, própria, é que se pode vir a aprender qualquer tipo de conhecimento construído por outros.”

Enfocando o trabalho da Educação com crianças da Educação Infantil, é preciso ressaltar que muitos acreditam na sua aprendizagem através de conhecimentos passados por outros. Relatam que toda criança nasce como uma tábua rasa sem conhecimentos é com o passar dos tempos que esta vai se apropriando do mundo ao seu redor, através do meio e da relação sociais com as outras pessoas a começar da língua falada, dos costumes da época, dos valores da sociedade em que está inserida, assimilados por meio dos mais próximos, pois, são estes os quais a criança possui vínculo afetivo que a criança confia e sabe que pode “imitar”, a criança assimila ações, conceitos, situações, por pensar que tudo que aquela determinada pessoa (pai, mãe, irmãos, tios, professores) faz, é bom e certo, acreditando que é importante ser como ela.

Tal idéia errônea, afirma que tais pessoas se tornam o espelho daquela criança, pela afetividade construída entre os dois, é com esse entendimento de vínculo e aprendizagem, que ela tenta abranger esse vínculo às novas pessoas que lhe vão aparecendo durante sua vida e que para ela vão se tornando importantes também.

Precisamos diferenciar a idéia de que a criança é uma tabula rasa e saber que ela aprende sim com as relações sociais, mas que contribui com suas experiências e pensamentos, portanto, quando um professor apresenta algo como a arte a essa criança, ela vai acreditar que lhe é bom e que lhe fará bem, o que é de fato verdade, pois será pela arte que pode ser

pinturas, rabiscos, modelagens, músicas, dramatizações etc, que ela poderá expressar seus sentimentos, e frustrações podendo através dela tentar resolvê-los, exprimindo seus desejos, medos, amores, traumas através de formas estéticas, pois, para quem constrói a arte ela é a expressão dos seus sentimentos em formas estéticas, mas para quem aprecia os sentimentos do criador podem se manifestarem e assim influenciá-lo, como num drama de um teatro que o público consegue perceber no “sentir” a tristeza do mocinho ou a raiva do vilão, mas podem também se manifestar os sentimentos do espectador que deixa os seus sentimentos em sua plenitude relacionando com suas vivências e experiências passadas dando o significado que lhe é realmente importante, encontrando ali um escape para seus conflitos e por que não já que estamos sempre num processo de mudança, encontrando múltiplas maneiras de vir a ser. Logo, notamos que

Diante da obra de arte o espectador deixa os seus sentimentos vibrarem, em consonância com as harmonias e ritmos nela expostos. O espectador encontra, nas formas artísticas, elementos que concretizam - que tornam objetos, perceptíveis - os seus sentimentos. Notem que dissemos os seus sentimentos, e não os sentimentos do artista que produziu a obra. Isso por que, sendo a arte uma forma de expressão, ela depende da interpretação, do sentido que o espectador lhe atribui. Como sua função não é transmitir um significado conceitual determinado, seu sentido brota dos sentimentos de seu público (DUARTE, 2008 p.61).

Nessa perspectiva, o significado conceitual nasce da maneira como as pessoas vivenciam os sentimentos oferecidos através da arte e pelas formas que visam apresentar aquilo que é “impossível” de ser conceitualizado, impossível de ter um significado através das palavras. Pois como relata Duarte (2008, p. 62), “a arte é uma chave com a qual abrimos a porta de nossos sentimentos; porta que permanece fechada à nossa linguagem conceitual”. Logo, a arte-educação é de extrema importância para a educação infantil, pois sabemos que a criança de 0 à 6 anos aprende e desenvolve-se muito mais exposta à experiências. Tais vivências exploradas por elas são expressas pelo sentimento, pois ela adquire conceitos e conhecimentos quando lhe é significativo, e algo só lhe é significativo se estiver presente no seu cotidiano e lhe servir para experiências futuras, se lhe for importante. Isto acontece principalmente quando é permitido fazer parte do nível do sentir, sentir este tanto por seus sentimentos tanto pelos sentidos, pois, de acordo com Frei Betto (1987, p.13) “O saber "entra" pelos sentidos e não somente pelo intelecto”.

Podemos dizer que para uma atividade ser parte do nível do sentir, esta precisa ser livre, prazerosa, ou seja, precisa fazer bem ao indivíduo no sentido de satisfazê-lo realizando-a, podendo relaxar, sentir prazer, lembrar de coisas boas, esquecer situações difíceis que esteja

passando ou até pensar em novas coisas a fazer. Contudo ela deve ser significativa, devendo ser importante principalmente para aquele momento de realização, podendo estar até relacionada a um objetivo futuro, mas que seu foco seja o bem estar daquele sujeito naquele instante, para que então o indivíduo não se sinta pressionado no cumprimento na íntegra de uma atividade futura, mas que este possa se entregar de corpo e alma e sem perceber alcance os objetivos antes previstos ou não, sem desconforto ou cobrança.

Devemos refletir a visão existente sobre a arte, na Educação Infantil? Podemos afirmar que elas são impróprias para o desenvolvimento cognitivo e social da criança como indagado anteriormente? Que nunca poderiam de forma geral e/ou em áreas específicas contribuir para um desenvolvimento de maneira útil e agradável? Será que é impossível realizar atividades prazerosas que além de estabilizar o lado emocional sejam importantes para o desenvolvimento cognitivo? Ou será que sempre ao falar de educação, as atividades devam ser tensas, desconfortáveis, chatas e trabalhosas, sem qualquer satisfação?

Percebe-se que as escolas realizam uma prática sem significação, o aluno é obrigado desde a sua menor idade a memorizar como forma de aprendizado, sendo o conteúdo não significativo a ele por não estar dentro da sua realidade. Geralmente, quando a criança entra na escola já é bombardeada de informações que não faz sentido a ela, que não lhe chama atenção, algo de outra realidade que nada tem haver com suas vivências. Assim, esta é obrigada a decorar letras sem nexos que não se ligam com suas experiências diárias, ou seja, memorizam o “A” por simples “A”, ou A de amora que ela nunca viu e não sabe nem o que é, que simplesmente não está inter-relacionado com sua vida, com suas brincadeiras ou seus desejos. Tempos depois memorizam conceitos e mais conceitos que de nada lhe vão servir.

Sabemos que muitas coisas a serem aprendidas necessitam de serem decoradas, porém, esta memorização deve ligar-se com a nossa realidade, com algo significativo para nós, como por exemplo, o número do ônibus que devemos pegar para determinado lugar, o número da casa ou apartamento ou número de telefone, ou a dose e horário de tomar um remédio, entre outros. No entanto esta memorização é feita de maneira livre nunca se tornando algo forçado, porque é algo importante e que faz sentido para nossa vida. A mesma coisa acontece com as crianças, por exemplo, brincar é algo significativo para ela, pois faz parte de seu dia-a-dia e elas aprendem muitas coisas brincando, por que não aprender brincando depois de um jogo super animado de amarelinha que tal brincadeira tão legal e

divertida começa com uma letra, e que essa letra se chama “A”. Ou por que não aprender que é preciso escovar os dentes para não criar cáries, assistindo um belo teatrinho de fantoches. As crianças quando são “obrigadas” a memorizar algo como as letras do alfabeto, fazem sem qualquer prazer, se tornando uma vivência chata sem nenhum significado, porém, quando se brinca com aquela letra, se faz uma dramatização, ou uma música da letrinha, ou uma pintura, um desenho com ela (ou seja utilize uma brincadeira ou uma forma artística) sempre relacionando com sua realidade, ela aprende sem esforço e com prazer aquilo que está fazendo, pois aquilo não é mais desconhecido é algo que faz parte de sua vida e com toda certeza o conhecimento é adquirido mais facilmente quando atrelado a algo com valor ao indivíduo.

Contudo, é de extrema necessidade integrar as vivências e experimentações das crianças relacionando os conteúdos a serem atingidos com sua realidade, pois assim a criança aprende mais facilmente com total significação e se torna possível o alcance das competências a serem atingidas durante a Educação Infantil.

Portanto, pensar na Educação Infantil e suas significações sem mensurar as competências nela existente, não é cabível, então com base no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998), delimitemos algumas competências compreendidas à Educação Infantil. Falar RECNEI delimitando suas competências e o que é educar é falar do desenvolvimento exercido na tenra idade e das capacidades envolvendo aquelas de ordem física, afetiva, cognitiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social, tais como criatividade, imaginação, espontaneidade, auto-estima, desenvolvimento do pensamento, desenvolvimento da motricidade, sempre considerando as particularidades da faixa etária compreendida entre 0 a 6 anos e suas formas específicas de aprender. Devemos citar também o domínio progressivo da linguagem corporal, oral e escrita, que favorecem na expressão e comunicação de sentimentos, emoções e suas idéias, que propiciam a interação com os outros e facilitam a mediação com a cultura e os conhecimentos constituídos. Não podemos escantear a construção da identidade, os processos de socialização e o desenvolvimento da sua autonomia, instrumentos que são essenciais no desenvolvimento e na aprendizagem para as crianças continuarem a aprender com o outro como também poder criar ao longo da vida. Dessa forma, acreditamos que o princípio orientador para a ação educativa deve ser proporcionar a criança maneiras para alcançar a autonomia em conjunto com a identidade, personalidade por fim da criatividade. A capacidade de criar é nata do ser humano,

mas só é bem aplicada na sua vida se bem trabalhada desde a sua tenra idade, por isso, devemos oportunizar sua ampliação na criança no ambiente escolar de maneira eficaz através do ensino da arte e do teatro, pois

A arte e capacidade criadora sempre estiveram intimamente ligadas. Durante anos, o programa artístico nas escolas públicas, tem sido o baluarte da criatividade e, com freqüência, as experiências de arte e a atividade criadora significam a mesma coisa. Entretanto, com o interesse crescente na criatividade e o grande número de pesquisas, nessa área, tornou-se muito claro que é possível ter um programa artístico nas escolas, o qual não seja, automaticamente de natureza criadora. A criatividade está se tornando uma preocupação vital para muitas pessoas: precisamos compreender o processo que envolve a evolução da capacidade do pensamento criador das crianças (LOWENFELD, 1970, p.61).

E assim poder ajudá-las a desenvolver-se em muitos aspectos utilizando-se da arte-educação, através da arte do teatro como base para atingir as capacidades estabelecidas pelo ensino infantil. Para começar, é necessário introduzir de forma eficaz a arte do teatro no ensino das series iniciais. Há diversas maneiras de introduzir o teatro na sala de aula de Educação Infantil. Uma delas é através da leitura, pois, não podemos dissociar a leitura do teatro, pois é algo impossível de acontecer, uma vez que, um está intimamente relacionado ao outro, numa relação dialética.

## II CAPÍTULO

### 2. O TEATRO INFANTIL

O Teatro é uma excelente maneira de promover a interação social, aumentar a confiança da criança, criar paixão por esta arte em cada criança, possibilitar o conhecimento dos valores e mostrar a importância do trabalho em grupo são alguns dos seus resultados. O teatro é vida. A atividade teatral espontânea, histórias improvisadas contadas pelas crianças ou inventadas pelos adultos, exercitam expressão verbal e a disciplina corporal. O teatro, como disciplina de desenvolvimento pessoal e criativo, ajuda a criança a perceber e interiorizar conceitos muito válidos para toda a vida como: confiança, respeito e responsabilidade.

#### 2.1- A Leitura e o Teatro Infantil

No decorrer da história da humanidade, o homem, gradativamente, desenvolveu o desejo pela comunicação. Na escola, o ato de comunicar tornou-se uma necessidade ao desenvolvimento da raça humana. Esse acontecimento ajudou no advento da escrita. Segundo Colomer e Camps (2002), a espécie humana tem a capacidade de representar, através de símbolos, a realidade e, através da língua, comunicar-se. Por muitos anos, o homem utilizou a comunicação oral e, com o passar dos tempos, inventaram sistemas de símbolos gráficos, aumentando, desse modo, a possibilidade de comunicação. Assim, surgiram figuras e formas de sinais que representavam fenômenos, situações, seres, como também a vida coletiva.

Dentro do prisma da leitura, o ato de comunicar é visto como uma habilidade primordial e indispensável para a sociedade, tanto que é possível dizer que nos dias atuais, é difícil a comunicação sem leitura, por conseguinte, a forma escrita tornou-se o meio mais importante de obtenção de informações e conhecimentos, pois além da leitura dos livros, jornais, revistas e outros impressos, existem hoje a rede mundial de computadores, a internet na qual faz a divulgação de materiais escritos por meio eletrônico em velocidade incrível, relatando fatos em tempo real.

Compreendemos que a leitura é uma habilidade de função social e que a escola tem o papel de desenvolvê-la. Nessa ótica, o que é ler?

Vejamos a visão de alguns estudiosos sobre a leitura. Freire (2006, p. 12) descreve a leitura em “diferentes” momentos na experiência de sua vida, a “leitura do mundo”, a “leitura da palavra”, a leitura da “palavra mundo”. Relata, através de lembranças de sua infância, a leitura do mundo, nas coisas e situações que vivenciava em sua infância. Logo percebemos que a leitura depende das experiências vividas, mesmo o indivíduo não lendo convencionalmente, já se estabelece uma maneira inerente de ler, a leitura de mundo segundo Freire e mais adiante quando já se consegue a leitura convencional estabelece a leitura da palavra. Podemos verificar que ademais de momentos diversos de leitura pela experiência citados acima, Massini-Cagliari (1999), sugere que um texto pode ter várias leituras, pode ser compreendido de formas diferentes, o leitor deve decodificar o texto e entender de sua maneira, conforme o seu contexto. Assim, um indivíduo adquire sua cultura através do local onde vive, de sua família, suas crenças e etc... Ao ler um texto, compreende seu conteúdo através desse conhecimento de mundo.

Entretanto, além dos momentos e das interpretações, há também a leitura com diversos significados, pois, de acordo com Faraco (2004, P.98). “consideram que o ato de ler tem muitos significados, a leitura do corpo, da fotografia, do desenho, da pintura, da gravura, da partitura, do gráfico, do mapa; a leitura da cidade, do cinema, da televisão, a leitura no computador”.

Stefany afirma que (1997), Consequentemente, lemos “nos diferentes contextos da palavra leitura hoje, demonstrando a leitura de novas linguagens, de imagens, de símbolos, de sentimentos, de gestos, de situações, de sonhos, do mundo em geral da vida.” Vivemos momentos, significados, contextos acerca da leitura e não podemos esquecer os lugares e meios no qual ela pode acontecer. Rocco (1996) compreende que “a leitura hoje acontece em diversos lugares e é feita não somente pelos livros escritos, mas também através de outros meios”. De fato, a leitura hoje tem uma visão mais ampla de ser, não somente realizada dentro de quatro paredes, no intuito apenas de estudo, mas ela vai além de uma leitura por aquisição de informações. Todavia, percebemos que a leitura possui versatilidade e sua essência diversificada, pois, como afirma Lakatos e Marconi (1987), há três espécies de leitura: a de entretenimento ou distração, que visa o divertimento, lazer, passatempo; a de cultura geral ou informativa, que tem como objetivo tomar conhecimento do que ocorre no mundo; e a terceira, de aproveitamento ou formativa, cuja finalidade é aprender algo de novo, aprofundar conhecimentos.

Conforme enfatizamos, a leitura tem grande importância para a sociedade moderna, e tem entre seus objetivos lograr informações, ampliar os limites do próprio conhecimento, proporcionar diversão e descontração desenvolver a sensibilidade artística, imaginar, estudar, aprender, conhecer, identificar, registrar, averiguar dados, comunicar-se, atualizar-se, desfrutar e compartilhar sentimentos e emoções e até desenvolver-se espiritualmente lendo livros que nos leve a espiritualidade desejada. Para averiguar tais afirmações observemos o que dizem alguns autores sobre a importância da leitura.

Lakatos e Marconi (1987) destacam a importância da leitura afirmando que ela propicia a ampliação do conhecimento, aumenta o vocabulário, abre horizontes; com a leitura passa-se a entender mais os conteúdos das obras, abrindo a janela do conhecimento para o inalcançável. Já Souza (1998), sugere a leitura como indispensável, contribuinte para a formação do homem consciente, atuante, questionador e fazedor do seu tempo, ele mostra a importância da leitura para um indivíduo, afirmando que, com a leitura, o indivíduo passa a ter a sua emancipação, domínio sobre muitos assuntos, passa a refletir sobre sua leitura, trazendo emoções, experiências, compreensão do mundo. Confirmado por Di Giovanni (2007, p. 9) que cita: “Aprender a ler, uma maravilhosa experiência que abre as portas do mundo do conhecimento.” Apresentando relação entre a leitura e o sujeito como porta para alcançar todas as suas respostas, dúvidas e conflitos. Assim o indivíduo sendo uma variante importantíssima no processo de leitura, torna possível pensar que

a existência humana se realiza através da dialética homem-mundo. Educação é o resultado dessa dialética; como tal evidencia-se como sendo um projeto através do qual o homem "apreende" os significados que estão em circulação o interior do seu mundo histórico e cultural. Esta "apreensão" é dialética por que o homem somente existe enquanto dialoga – no dialogo recorrente das várias épocas a verdade plena vai paulatinamente abrindo caminho através do choque de posições antagônicas [...] (MERLEAU-PONTY, 1972, apud SILVA, 2005, p.77, grifo do autor).

Através da leitura, a criança exercita uma dialética que terá como conseqüência a transformação do seu ambiente e de si mesmo. Nesse ponto o homem e o ato de ler unem-se em um constante vir-a-ser através do pensamento.

Desta maneira, a leitura deve ser exercida para contribuir na formação do homem e, conseqüentemente, para a transformação do ambiente, assim, vemos que seu incentivo deve ser primordial desde a tenra idade. Por isso Teberosky (2003, p. 158) comenta que para as crianças que ainda não lêem convencionalmente, os livros “devem defrontar-se com o desajuste entre uma capacidade notável das crianças para entender narrativas orais e uma

capacidade escassa para entender narrativas lida por elas próprias.” Os livros, para esses leitores, devem ter histórias simples, mas interessantes, atraentes visualmente. Desse modo, tais leitores iniciantes se interessarão e aprenderão a ter prazer pela leitura entendendo-a principalmente através das imagens, é preciso além de serem simples e de linguagem clara, ser atrativo em seu significado, pois, segundo Curto, Morillo e Teixodó (2000). A leitura necessita ter um sentido, ela depende de diferentes situações, como, o local que se lê, o tipo de texto, o que o leitor deseja, etc.

Sendo assim, a escola exerce um papel fundamental no momento em que promove o espaço para a leitura e/ou contação de história/ faz-de-conta/jogo dramático. A primeira se define como função social da instituição. Este espaço reservado para a leitura e atuação possibilita que as crianças em contato com o lúdico criem momentos para vivenciarem novas experiências, organizar seus sentimentos, desenvolvendo assim, a criatividade e a afetividade, assim

este espaço [seja] possibilitado para que a criança tenha o seu contato com o lúdico de forma que o mesmo não tenha como objetivo de transmitir lições morais, mas, permitirão a criança tornar-se leitoras pelo simples fato, de serem espaços de fontes para satisfação de necessidades básicas das mesmas” (COELHO, 1986, p.12).

Essa transmissão literária e/ou interação oral teatral nessa atividade por prazer, pode se estabelecer por meio dessa manifestação de expressões da criança enquanto integrante de tal atividade. É dever do professor, oferecer condições para que os leitores iniciantes se apropriem pelo gozo em ler. Há muitos caminhos para tal sucesso, uma boa opção é a hora do conto, uma vez que Stefany (1997), afirma a hora do conto como um momento mágico, tanto para o ouvinte quanto para o contador da história. De fato, uma história contada, de forma interessante, leva a criança a imaginar, a se interessar, ir à busca de livros, para terem mais momentos especiais através da leitura. Outra ótima opção é a contação de histórias teatralizada, pois acreditamos que a contação de histórias pode ser explorada, através do jogo dramático/teatral por se apresentar como uma excelente opção para utilizar o texto literário como forma de prazer, porquanto um de seus objetivos é transmitir algo com maior prazer ao ouvinte isto, com grande influência do contador e/ou do ator - personagem que lhe passa

Os meninos de hoje não têm, como nós tivemos, quando éramos meninos, o dom de acreditar, com a inocência e a certeza. Íamos a países maravilhosos. Lá moravam fadas, as boas, as más, as bonitas, as feias, as que sorriam num raio de lua, as que voavam, montadas em cabos de vassouras. Quantas histórias nos contaram! A elas devemos o regalo: tudo há de terminar bem. Delas ficou a sombra amiga que nos envolve. Como se tivéssemos passado por um jardim...Como se o pássaro azul

ainda cantasse...Ah! meninos de hoje, nós éramos mais bobos...Mas fomos mais felizes. (MOREIRA, 2007, p. 30).

Para o autor, as crianças dos tempos modernos, dita como crianças de hoje, estão imersas na sociedade de hoje e se caracterizando dela uma vez que esta é capitalista, individualista e egoísta, Como Galeano (1994, p. 20) afirma “contar histórias é visto, como forma de perda de tempo para uma sociedade declarada como, uma sociedade de consumo e interesses próprios, onde ninguém para ouvir o outro”. Então, as crianças têm dificuldade de sonhar, não existe mais a inocência de acreditar nos encantos das histórias, dos contos de fadas lidos e apresentados em palcos ou em salas e como as crianças de antigamente, pois, estas eram crianças inocentes, sonhadoras, obstinadas a mergulhar no mundo da imaginação e encanto, sem medo de arriscar provar outros mundos. Visto que um dos grandes motivadores para que o imaginário infantil da criança se perca em nossos dias seja a falta de estímulos e sabendo que a criança deve realmente imaginar, sonhar ir além do real, o dever do professor, da escola e da família está em despertar tal desejo e encantamento desenvolvendo o imaginário da criança no sentido de descobrir novos mundos da fantasia, levar as crianças a se aproximarem da imaginação e, portanto, da leitura.

Nessa linha, acreditamos que estímulo de ouvir histórias na vida das crianças é de indispensável importância, pois,

as crianças estimuladas pelas histórias que ouvem dos mais velhos geralmente criam histórias maravilhosas e profundas desde muito pequenas. Pais que não ouviram histórias na infância podem descobrir maravilhosas habilidades talvez à espera durante muitos anos para se revelar, escondidas dentro deles. As crianças, especialmente quando acordam e quando vão dormir, podem inspirar nossas melhores histórias. As fontes da imaginação correm livremente dentro delas. Sentados perto de uma criança e olhando profundamente nos seus olhos, podemos encontrar os começos certos e as energias para as histórias que ela precisa ouvir.” (BLUE apud in NANCY, 2006, p. 241).

Além de unir uns aos outros de forma lúdica, a história abre novos caminhos para os sonhos e desejos, onde enriquece o lado humano, as histórias além de envolventes, tornam-se saudáveis para o nosso vive (JOSÉ, 2007, p. 35). Simultaneamente, essas histórias imaginativas auxiliam a criança a conhecer a formação das relações sociais do mundo, tal qual conhecemos hoje, por conseguinte, as diversas maneiras pelas quais a humanidade age neste mundo na intensa luta pela vida. As narrativas fantasiosas são discriminadas por alguns adultos pelo epíteto “historinha para criança” tal diminutivo, evidencia todo o desmerecimento que lhe é imposto, porém, quando estas fazem parte do mundo infantil no

meio escolar, cooperam na soma do valor cultural da criança pequena, contribuindo para descobrir suas potencialidades cognitivas e expressivas.

São essas histórias dramatizadas que relacionam a vida real à imaginária pelos signos fortes unificados nas imagens da bruxa, da fada boa, do gigante poderoso, da madrasta má, da criança corajosa, revelando aos pequenos e a nós mesmos o individual e social do ser humano, explicitando crueldades, injustiças e lutas necessárias para sobreviver nesse mundo. Essas narrativas lidas ou dramatizadas detêm o poder de despertar e atrair a curiosidade infantil, sem abdicar o entretenimento, ajudando a criança a expandir seu intelecto, a entender suas emoções internas, profundamente conflituosas, a reconhecer suas dificuldades e a construir soluções.

Outra característica da narrativa na dramatização dos contos de fadas constitui-se no fato de permitir à criança “construir uma ligação verdadeiramente satisfatória com outra pessoa” (BETTELHEIM, 2002, p. 19). Em maioria, os contos de fadas mostram um herói que sempre necessita encontrar outro que o ajude a alcançar seu objetivo. E, portanto, quando esse objetivo é atingido na narrativa, constitui-se afinal sentido para a vida individual do herói e, conseqüentemente, um exemplo para a criança na ajuda do outro, no qual mostra que não vivemos sozinhos, dando sentido para sua vida também.

No decorrer da história da prática teatral, tornou-se comum a dramatização de uma série de narrativas, desde as clássicas européias, entre outras de diferentes nacionalidades mostrando suas riquezas culturais, até chegar às variantes nacionais encontradas no seio do folclore brasileiro conseguindo até ver através da narrativa fantasiosa o passado da humanidade, pois estes estão profundamente relacionados, fazendo uma ponte através do tempo, garantindo-lhe caminhos possíveis, já trilhados por outros, para poder solucionar seus problemas e complexos.

Podemos acreditar que a escolha do conto de fadas como jogo dramático de uma prática teatral, que pretende estabelecer o jogo do teatro no cotidiano escolar infantil, ajuda a compreender a Infância como “historicamente construída”, imaginando-a como a fase da vida capaz de ser crítica da cultura do mundo adulto.

Considerando que essa teatralização se torna “experiência”, possibilitando uma aventura narrada e experimentada coletivamente na fantasia, e que faça parte da vida da

criança, enraizando-se na realidade, e podendo refletir suas contradições, conhecendo a história do homem através da Infância, e fazendo-nos perceber a criança como aquela que pode nos ensinar a criar, sentir, viver melhor. A prática teatral em discussão sustenta-se na possibilidade de realizar a alfabetização da criança pequena em linguagens artísticas e de esmiuçar o papel do teatro na educação Infantil como um veículo de ampliação da experiência cognitiva e emocional, através de um trabalho pedagógico específico.

A prática dramática visa cooperar com uma concepção de educação que possibilite a criança da Educação Infantil a desenvolver particularmente tipos de conhecimento, que colabore com sua iniciação no mundo cultural através da compreensão do que é de mais significativo na cultura da humanidade, usando linguagens artísticas, como o teatro, que estimulem a vivência de experiências expressivas e sensoriais, podendo adaptar essa prática às necessidades específicas ao entendimento da criança, levando-a a se reconhecer como um amplo e diversificado campo de possibilidades na interação com o outro.

E assim, no jogo dramático, ao representar/imitar, a atitude do autor dos contos de fadas, fábulas, pequenas narrativas, poesias, das peças adaptadas são atitudes para uma prática pedagógica inclusiva, pois quebra os “pré-conceitos” entre o adulto e a criança, o pobre e o rico, o negro e o branco, a menina e o menino, gordo e magro, bem e mal etc. Esse jogo permite ultrapassar barreiras sociais e emocionais que limitam a liberdade que a criança pode experimentar ao dar razão às suas fantasias e conflitos: Menino pode ser fada? Menina pode brincar de ser capitão? Posso ser a madrasta ou a rainha toda vez que eu quiser? E desvendar porque o gato usa botas? Por que a bela adormecida dorme tanto? Por que duas crianças são abandonadas na floresta pela madrasta para morrer de fome? Por que o príncipe é sapo? Tenho que beijar um sapo sujo pra que ele vire um belo príncipe? O que exatamente Chapeuzinho leva na sua cestinha? Por que tremo de medo quando o Lobo fala que quer me enxergar melhor, me escutar melhor, me cheirar melhor?

Ao fazer ponte da literatura com esse jogo dramático realizado em grupo, a criança consegue vivenciar questões complexas e conflituosas, mas, com a ludicidade do jogo nos aspectos emocional, cognitivo e social lhe dá respostas iniciais, pois aprendeu pelo lúdico com jogo do teatro a refletir. A brincadeira pedagógica da prática teatral faz com que o esplendor das idéias incutidas nos contos de fada tenha vida através da atividade lúdica da teatralidade sendo estas através dos contos de fadas, das fábulas, das poesias, dos clássicos

infantis ou mesmo das situações reais do seu cotidiano. O encantamento nelas representados traz o passado para o presente e a criança vai recolhendo fragmentos desse passado e aos poucos tentando compreendê-lo, contudo, muitas partes dessas compreensões são atingidas na realização desse tipo de prática, pois, como assegura (GAGNEBIM, 1994, p. 90). A prática de teatro na Educação Infantil prepara a criança para compreender o mundo, unindo-a ao primitivo. O teatro pode ser a ponte, portanto, não são nas encenações finais de uma peça infantil que surgem o valor de caráter educativo, mas, durante a execução do trabalho teatral coletivo, é na elaboração, no decorrer da atividade teatral que a criança faz suas descobertas relacionando-as com a vida real.

Creio que no contato com a variedade de narrativas fantasiosas unido ao exercício da teatralidade que constitui a transformação de atitudes, a reflexão através do sensível, por conseguinte o professor poderá mostrar a criança que a arte é um bem acessível, um elemento comum da vida, que ela pode sempre utilizar.

O teatro aliado à dramatização desenvolve na Educação Infantil uma influência no eu interior infantil para que, ao comunicar o que pensa e sente, ao relacionar-se com o outro, com o diferente, com o inesperado a criança tenha consciência de si e do outro, e mesmo ainda sendo imatura para entender toda a profundidade do valor social da arte, ela possa teatralizar, sabendo que em suas mãos está um mundo novo que surgiu da consciência de cada uma das crianças.

## **2.2. O Teatro e a Criança**

Iniciando este capítulo, gostaria de lembrar que a gênese do teatro deu-se através das cerimônias religiosas que visavam alegrar aos deuses da natureza, no intuito destes enviarem boas colheitas. O ritmo das danças e a comunicação entre as pessoas levaram ao surgimento das primeiras formas organizadas de manifestações teatrais de que se têm notícia. O processo adquiriu caráter divino, para que o primitivo pudesse agradar aos deuses, encantar a natureza e levá-la à transformação, assim podendo garantir a retribuição ao empenho do trabalho coletivo.

O teatro existe desde sempre. Desde que o homem passou a sentir necessidade de sair de si, de se disfarçar, de sair do seu dia-a-dia para viver novas experiências. E experiências assim já nos primórdios da história da humanidade, nos

rituais. O homem então se transforma em deus, animal, adquiria e dominava forças cósmicas. E essas transformações se davam principalmente nas cerimônias rituais. (AMARAL, 1991, pág. 26)

Em sua abordagem, o autor afirma que o teatro surge sempre de uma necessidade de sair de si e representar algo do seu cotidiano, ou seja, da necessidade de teatralizar algumas situações vivenciadas no seu dia-a-dia quando se busca fugir da mesma ou até mesmo resolvê-las através da exteriorização de seus conflitos sejam eles de caráter internos e externos. Sendo assim, além de servir para resolução dos conflitos humanos “a Arte era um instrumento mágico e servia ao homem na dominação da natureza e no desenvolvimento das relações sociais” (FISCHER, 1971, p. 44). A arte passou a conceder ao primitivo poder sobre a natureza e ferramenta na relação entre os homens, tornando-se um elemento indissociável da realidade cotidiana, originando-se das manifestações ritualísticas até chegar em formas mais elaboradas de encenação artística.

Diria que toda criança, ao nascer, traz consigo o passado primitivo do homem, apresentando a mesma trajetória de evolução até erguer-se sob os dois pés. A criança nasce primitiva e ao ser exposta ao processo de educação em meio a uma sociedade, assimila as normas culturais e sociais nas quais vai apropriando-se e desenvolvendo-se. O interesse da prática teatral na Educação Infantil é recuperar, junto com a criança pequena, por ela e para ela, o sentimento mágico, e encantador que essa arte apresentou na constituição de humanidade, para que á medida que o olhar estético seja adquirido, a criança possa vivenciar o mundo que a rodeia com um intenso sentimento renovador e transformador que é imprescindível a qualquer época, para a evolução dos conhecimentos da sociedade.

Em frente a todas as discussões acerca da arte para as crianças. Qual então a sua relevância, em especial, do teatro na Educação Infantil? Será que serve apenas para que a criança se aproprie do patrimônio sócio cultural estabelecido ao longo dos tempos pela sociedade? De que forma a arte do teatro pode ajudar os pequenos a assimilar outras linguagens artísticas como: artes plásticas, dança, música, literatura? É possível à criança que ainda se encontra em processo de construção da linguagem, se apropriar do Teatro e através dele desenvolver sua potencialidade expressiva, interpretativa e cognitiva? Devemos aproveitar na criança sua tendência natural em acreditar na magia e no encantamento para instituir no seu imaginário a arte como espelho da natureza e do homem. No decorrer deste

capítulo tentaremos responder a estes questionamentos em diálogo com alguns autores cujos conceitos fundamentam a prática teatral com crianças.

A sociedade aponta que a escola deve fazer de seus alunos pessoas críticas e cidadãs, o Art. 3º do ECA (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) nos ajuda a entender o que abarca na visão por criança cidadã, o que fala,

a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais, inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral do que trata essa Lei, assegurando-se-lhes por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental e moral, espiritual e social, em condições e de dignidade. BRASIL, 1990).

Decorrente dessa compreensão da criança e do adolescente, podemos levá-la a atuar criticamente em relação aos processos de compreensão de sua natureza, de sua gênese e da ação por ela exercida na construção de uma consciência estética e cultural, tentando de modo sucinto descrever o efeito da Arte do teatro na Educação Infantil a partir de uma visão mais social, sensível e procurando integrar o indivíduo à coletividade, fazendo com que a criança se aproprie de seus meios criativos para ter a compreensão dos processos que regem o mundo.

A sociedade vem buscando reservar à arte o papel de aclarar o ser humano à respeito das relações sociais que vão sendo estabelecidas, e então clarificar sensivelmente o seu raciocínio no intuito de auxiliá-lo a reconhecer e transformar a realidade social a sua volta. Portanto a arte do teatro ajuda a criança no processo de identificação com a vida do outro, incorporando nela tudo aquilo que ainda não é, mas que pode vir a ser: um ser humano “total”.

Muitas vezes é na imitação encantadora do mundo exterior que a criança apropria-se da linguagem, da cultura socializando com o outro, com o mundo e relacionando com a sua linguagem interior, representada por seus pensamentos e desejos, tendo “como meio de comunicação e expressão, imagem da realidade e signo para ela, percepção “sensorial” do objeto e abstração” (Fischer, 1971, p.34), além de comunicar-se também transmite as sensações e experiências que a natureza à sua volta lhe proporciona. Aos poucos, a linguagem vai ocupando um lugar central na concepção de cultura e da arte do teatro, afirmando a sua importância na vida da criança na aquisição e no desenvolvimento da linguagem.

Não tenho dúvidas de que na educação escolar o papel da arte do teatro pode ser visto como um modo distinto de perceber o mundo e de absorver significados por meio de sua

prática. Com base nessa afirmação, a autora norte-americana e idealista da proposta de um sistema de jogos teatrais na metade do século XX, Viola Spolin (2005), declara que:

[...] todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender... se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar (SPOLIN, 2005, p. 3).

Assim, podemos dizer que, quando os processos de criação e atuação são coletivos orientados ou livres, a experiência infantil torna-se mais criativa e enriquecida de diversos conhecimentos. Com isso, os professores devem buscar aprofundar esse fazer de maneira que este, contribua para uma proposta educacional mais comprometida com o desenvolvimento da espontaneidade, autonomia, criticidade tão desejadas.

### **2.3. O Jogo Dramático e as Atividades Teatrais**

Sabemos que as atividades teatrais são práticas antigas bem presentes na atualidade, e que a mesma ocorre através de várias formas: peças teatrais, dramatizações de rua, teatro de máscaras, teatro de bonecos, teatro de sombras, fantoches, teatro com luz negra dentre tantos outros, porém nos deteremos no teatro infantil com o auxílio de vários autores que abordam o respectivo tema.

Peter Slade declara algumas diferenças entre o teatro infantil do jogo dramático e divide-o em dois âmbitos, jogo dramático projetado e jogo dramático pessoal.

O jogo projetado é o drama no qual é usada a mente toda, mas o corpo não é usado tão totalmente [...] No jogo projetado típico não vemos o corpo inteiro sendo usado. A criança pára quieta, senta, deita de costas ou se acocora, e usa principalmente as mãos. A ação principal tem lugar fora do corpo e o todo se caracteriza por uma expressa absorção mental. Uma forte projeção mental está tendo lugar. [...] Os objetos com os quais se brinca, mais do que a pessoa que está brincando, criam vida e exercem a atuação, embora possa haver rigoroso ato da voz (SLADE; 1978, p. 19).

Notamos que o jogo dramático projetado abordado por Slade (1978), nomea-se em nosso dia-a-dia pedagógico como jogo de animismo, onde a criança tendo como base seu conhecimento prévio sobre aqueles determinados objetos escolhidos para a brincadeira, dá vida a ele através da exteriorização de seus pensamentos e desejos.

Já o jogo dramático pessoal,

É o drama óbvio: A pessoa inteira, ou eu total é usado. Ele se caracteriza movimento e caracterização e notamos a dança entrando e a experiência de ser coisas ou pessoas [...] No jogo dramático pessoal a tendência é para barulho e esforço físico por parte da pessoa envolvida; e se o barulho não é usado o esforço físico é (SLADE, 1978, p. 19).

Percebemos que o jogo dramático pessoal citado por Slade é o jogo simbólico que temos conhecimento no âmbito pedagógico há algum tempo, no qual a criança brinca com o seu mundo imaginário e usa com exagero sua criatividade, tornando-se naquele instante mágico e se transformando em qualquer coisa ou qualquer pessoa que quiser podendo realizar todas as suas fantasias, onde podem em suas histórias teatralizadas matar dragões, vencer inimigos, ser mocinhos ou bandidos, estar no faroeste ou até mesmo na lua. A mesma compara-se a fase mágica, fase essa em que a criança “brinca, conversa com os brinquedos, inventa falas ao telefone, conversa sozinha com amiguinhos invisíveis, para quem até inventa nomes” (COELHO; 1989, p. 20). No momento em que vive o jogo dramático ou faz-de-conta, a criança mesmo não sendo, vem a ser tudo o que deseja ser e que não é na sua realidade, neste momento ela pode vir a solucionar muitos dos conflitos existentes no seu eu interior, pois, agora ela é o que quer ser e tudo acontece como queria que acontecesse, tornando possível todos os seus sonhos, anulando portanto, muitos de seus desejos frustrados ou traumas existentes em sua realidade.

Por exemplo: impedida de dirigir um ônibus verdadeiro ou andar à cavalo, a criança buscaria satisfazer seu desejo no plano imaginário “fazendo-de-conta” que dirige um carro. Um exemplo de trauma afetivo: Incapaz de receber amor e carinho de sua verdadeira mãe que o abandonou na rua e hoje vive em um orfanato, a criança cria uma bela e perfeita mãe que a ama e que vivem felizes no seio da família O “fazer-de-conta” infantil, da perspectiva sócio-histórica, é compreendido como uma atividade provisória e atual (espontânea, improvisada, sem ensaio), por que essas representações cênicas não se baseiam em um produto pronto e acabado na mente da criança, trata-se de uma recriação da realidade, com contribuições acercada realidade desejada imbutida no seu intimo.

Segundo Camarotti (2002; p. 28<sup>o</sup>) jogo simbólico serve para a criança

preencher suas necessidades, através da experiência e da construção de outra experiência pela imaginação. O jogo é o grande caminho para a libertação da criatividade infantil. E é na categoria do jogo de regras que o jogo dramático, e especialmente jogo teatral, vai se tornar possível de realização com as crianças.

Vemos que é no jogo dramático organizado que se torna possível realizar o jogo teatral com as crianças de várias faixas etárias com auxílio de estruturas pré-organizadas. Já o jogo dramático livre não precisa de uma organização externa para que aconteça. Ele é realizado a todo instante por meio de qualquer situação, em qualquer lugar.

Nessa linha, a representação cênica infantil possui muitas denominações, porém, os termos dependem do autor que aborda o assunto teatro infantil, como exemplo a serem citados tem: Freud com a terminologia “jogo infantil”, Piaget e Camarotti com “Jogo simbólico”, Vygotsky com “brinquedo”, Elkonin “com jogo de papéis”, Peter Slade e Ricardo Japiassu com jogos dramático, entre tantas outras nomenclaturas como, dramatizações, e até mesmo teatro infantil. Todas essas terminologias são utilizadas indistintamente, para fazer referência as representações cênicas de natureza lúdica infantil.

A partir dessas terminologias que sempre envolvem o sentido de jogo/ brincadeira delineou-se em estudos desenvolvidos por um grupo de pesquisadores franceses desde o final da década de 1970 no qual enfatizavam a importância de discutir o termo jogo, dessa forma eles destacaram os atributos ao termo jogo:

- O conceito de jogo está sempre impregnado de valores e concepções do mundo de determinada cultura;
- Todo jogo funciona segundo um sistema de regras explícitas ou implícitas;
- O jogo pode ser materializado em objetos [...].

Firmando-se em tal abordagem francesa, sugere-se que a expressão jogo infantil seja utilizada tanto para o objeto quanto para as ações da criança no objeto (situação lúdica e/ou material utilizado) implicando nos termos brinquedo e brincadeira, circunscrevendo o significado da expressão brinquedo

não só brinquedos criados pelo mundo adulto, concebidos especialmente para brincadeiras infantis, como os que a própria criança produz a partir de qualquer material ou investe de sentido lúdico. No último caso, colheres, pratos e panelas têm servido como suporte de brincadeira, adquirindo o sentido lúdico, representando, por exemplo, instrumentos musicais, pente entre outros. (KISHIMOTO 1994, P. 7-8 apud JAPIASSU, 2007 p. 31).

Conforme essa proposta do autor, a palavra brincadeira se relaciona a um relato de “uma conduta estruturada/com regras” ou a ação que uma criança realiza no ato de brincar. Em busca de uma nomenclatura assemelhada para os termos das cênicas infantis é propício chamar de brincadeira do faz-de-conta ou faz-de-conta as ações representacionais cênicas de

natureza lúdica da criança com brinquedos que possuem certas regras no caso, regras implícitas à própria situação imaginária.

Já o faz-de-conta é uma atividade que em si mesma já existe pelo menos uma regra: a criança tem a obrigação de agir conforme os significados culturais dos objetos e das relações sociais representados cenicamente. Ou seja, ela deve agir na brincadeira de tal maneira que os significados emprestados naquele instante aos objetos, aos parceiros de brincadeira e a si mesma sejam “verossímeis”, isto é, pareçam “verdadeiros”.

A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e dessa forma, deve obedecer as regras do comportamento maternal, (...) sempre que há uma situação imaginária no brinquedo (na brincadeira faz-de-conta), há regras – não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas aquelas que têm sua origem na própria situação imaginária. Portanto, a noção de que uma criança pode agir em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta. (Vygotsky 1996a, p. 125).

Portanto, a criança incorpora eventuais sensações, percepções e associações geradas por estímulos fornecidos pelo ambiente, pela qualidade das relações interpessoais vividas na atividade lúdica ou em decorrência do desenvolvimento do enredo representado com improviso, tais estímulos são aproveitados pela criança sem qualquer planejamento, mas com as circunstâncias no desenrolar do enredo imaginário que evocam inconscientemente fatos, ações, objetos, modos de agir do mundo pelo qual ela se encontra e aproveitam para internalizar significados culturais de objetos, ações e atuações por meio de um processo complexo de elaboração de dados já previamente armazenados na memória. Tais atividades propiciam as crianças um avanço significativo na compreensão de sistemas de representação e comunicação, “ensina as crianças a agirem plenamente como membros do grupo cultural do qual fazem parte através, por exemplo, da satisfação adiada de desejos e do uso fluente da comunicação. cênica” (JAPIASSU 2007, p. 105). Percebemos, contudo o importante papel pedagógico do faz-de-conta na aquisição de conhecimentos para uma atividade profissional, para uma atuação cidadã futura função esta da escola em conjunto com as famílias e órgãos públicos.

O faz-de-conta proporciona também a capacidade da criança relacionar imaginação com a realidade, pois,

O sujeito é capaz de abstrair os elementos que integram sua experiência, sintetizando-os para o uso instrumental em novas situações concretas. O conteúdo das vivências da pessoa pode começar a ser organizado de forma abstrata, sem

referência a quaisquer impressões ou situações concretas (JAPIASSU, 2007, p. 115).

O exemplo de uma criança brincando com uma vassoura utilizando-a como um cavalo em um jogo teatral, constata que o significado cultural do objeto foi transformado por ela, que deu nova significação: "cavalo", este tipo de ação é bastante complexa e exige a percepção imaginária de quem executa e de quem participa observando, porém não é necessário que o indivíduo tenha domínio da língua, pois este pode se apropriar do conceito com a utilização do corpo e da mente. Nessa perspectiva, podemos fazer uma ponte com a idéia de Vygotsky em sua análise da gênese e desenvolvimento do pensamento, no qual afirmava que o pensamento e a palavra não são ligados inicialmente, apenas com o passar do tempo, com a evolução do pensamento e da fala é que se inicia uma conexão entre ambos, que com o tempo se modifica e se desenvolve (muda seu significado a medida que evolui), pois o significado das palavras é uma construção dinâmica, que é alterado à medida que o indivíduo se desenvolve. Porquanto, é com a prática desta atividade teatral que o aluno aprimora sua segurança, atenção, percepção, memória sensorial e pensamento e permite compreender melhor a dimensão real e imaginária.

Portanto, é de extrema importância que a criança seja livre para fazer uso das atividades teatrais (faz-de-conta/ jogo simbólico/ ou dramático), pois é através dela que ela aprimora suas capacidades citadas acima, vivencia situações que poderão ajudá-la a resolver seus problemas e questionamentos atuais e/ou futuros, e constrói valores como afirma Slade (1978):

a qualidade que [as crianças][...] desenvolvem nesse jogo é a sinceridade. É uma qualidade profunda de caráter e se destaca já nos anos mais precoces. Muitas vezes é nesse exato momento, quando uma confiança completa em realmente viver a vida com plenitude poderia ser atingida dessa forma, que as crianças são esmagadas por causa de um mundo ordenado pelos adultos. Tantos de nós, por isso, sem saber, causamos justamente aqueles problemas que mais tarde deploramos nas crianças. Pois elas encontrarão outras maneiras de expressarem, maneiras que podem ser menos desejáveis, e isso muitas vezes longe da supervisão adulta. As vezes a forma pública dessa expressão é a formação de uma atitude negativa para com a vida, lamentavelmente demasiado comum entre gente jovem no presente momento (SLADE. 1978, p. 27-28).

Os adultos, na maioria das vezes, bloqueiam mesmo que sem perceber essa atividade lúdica do jogo dramático na vida da criança, esta poderá mais tarde, ser prejudicada em suas vivências e por não ter conseguido na infância expressar seus desejos e pensamentos, ela irá extravasar em suas atitudes tentando eliminar seus conflitos ainda não resolvidos

provavelmente sem valores enraizados, e a maneira dessa exteriorização poderá mais tarde acontecer de forma inaceitável pela a sociedade. Logo, incentivemos esta arte que é nata nas crianças para que possamos ajudá-las a atingir as capacidades propostas pela Educação Infantil. Então relacionemos às capacidades a serem atingidas na Educação Infantil citadas no capítulo anterior com a atividade teatral (o faz-de-conta) tomando como base o RECNEI e os PCNS.

Torna-se necessário evidenciar O RECNEI (1998) uma vez que ele se refere ao faz-de-conta como meio pelo qual os professores podem melhor observar os processos de desenvolvimento das crianças, assim devêm promovê-los para incentivar e registrar as diferentes linguagens das crianças, como também suas diferentes capacidades e recursos sociais, psicológicos e afetivos que utilizam. Pois, a Educação Infantil tem como objetivo geral: favorecer e elevar a auto-estima da criança, ampliar as relações sociais do sujeito, garantir o espaço e o lugar da brincadeira, usar diferentes linguagens - corporal, musical, plástica, oral e escrita para a comunicação, interação e conhecimento da realidade humana.

Para isso, compreendemos que uma das atividades mais adequada seria o jogo do faz-de-conta, a leitura teatral, como também o jogo dramático, por meio das dramatizações e peças teatrais, porque entendemos que todas essas linguagens são abordadas, direta e indiretamente e de forma natural. Por isso torna-se necessário a promoção de tempo, espaços físicos e materiais diversos para faz-de-conta que sejam adequados que permitam o amplo desenvolvimento de ações diversificadas por parte das crianças (jogos, leituras, faz-de-conta, dramatizações, imitações, teatro de sombras, de palitos, fantoches, etc.).

Acreditamos que as atividades descritas contribuem, significativamente, para que as crianças formem a sua personalidade, o seu ponto de vista, a sua identidade cultural, a sua autonomia e outros, só assim o professor estará contribuindo para que as nossas crianças desenvolvam as suas capacidades de agir e tomar decisões por si próprias, levando em consideração as regras e os valores que perpassam a sua educação escolar e não-escolar.

Nessa perspectiva, apresentamos ter uma visão nítida de como as propostas teatrais pedagógicas se tornam prazerosas ou não para as crianças, e com quais as mesmas são colocadas em prática pelos educadores. Se estes visam atingir capacidade e habilidades próprias a serem alcançadas na Educação Infantil ou não. Pois, são estabelecidas pelo RECNEI várias capacidades a serem atingidas na Educação Infantil que podemos relacionar

com as capacidades alcançadas pela prática teatral dentre elas a capacidade de desenvolvimento do potencial criador, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, tornando as crianças autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata. No jogo dramático a criança imagina, cria, escolhe e representa sem a interferência de fora, nem necessidade de um resultado final, ela apenas joga, “só saberão o resultado do jogo, jogando... O ator, a criança. Prefigura-se deste modo a improvisação...” (CHACRA, 1983, p.17-18).

Só percebemos os resultados afetivos, cognitivos e sociais permanentes surgidos pelo jogo dramático tempos depois, mas sabemos, no entanto que estes são positivos, no momento então, podemos perceber maior desenvoltura, espontaneidade, menos timidez entre outros. Estabelecem Também as capacidades de relação interpessoal que estão associadas à possibilidade de estabelecimento de condições para o convívio social. Isso implica aprender a conviver com as diferenças de temperamentos, de intenções, de hábitos e costumes, de cultura, etc.

Portanto, as capacidades de inserção social que estão associadas à possibilidade de cada criança perceber-se como membro participante do grupo de uma comunidade e de uma sociedade. Para tais capacidades temos como apoio o Teatro Como Produção Coletiva no qual busca o reconhecimento e integração com os colegas na elaboração de cenas e na improvisação teatral, reconhecimento e exploração do espaço de encenação com os outros participantes do jogo teatral, interação ator-ato/ator-espectador, abarca a observação, apreciação e análise dos trabalhos em teatro realizados por outros grupos, compreensão dos significados expressivos corporais, textuais, visuais, sonoros da criação teatral.

O teatro como produção coletiva também auxilia nas capacidades de ordem afetiva que estão associadas à construção da auto-estima, às atitudes no convívio social, à compreensão de si mesmo e dos outros. Assim, como as capacidades de ordem ética que estão associadas à possibilidade de construção de valores que norteiam a ação das crianças. Porque estas capacidades estão diretamente ligadas às relações sociais e o teatro como coletividade propiciando diversas situações da realidade buscando o aprimoramento das mesmas.

Outras capacidades estabelecidas na Educação Infantil e que podem ser apoiadas para serem atingidas pelo teatro Infantil são as capacidades de ordem cultural que estão associadas à possibilidade de produção artística e apreciação desta produção oriunda de diferentes culturas. O teatro como produto cultural permite a observação, apreciação e análise das diversas manifestações de teatro. As produções e as concepções da região, compreensão, apreciação e análise das diferentes manifestações dramatizadas da região, das diferentes formas dramatizadas (teatro em palco e em outros espaços, circo, teatro de bonecos, teatro de sombras, teatro de máscaras, manifestações populares dramatizadas, etc.) identificação das manifestações e produtores em teatro nas diferentes culturas e épocas.

Há também as capacidades de ordem física que estão associadas à possibilidade de apropriação de conhecimento das potencialidades corporais, ao autoconhecimento, ao uso do corpo na expressão das emoções, ao deslocamento com segurança referente ao desenvolvimento da motricidade infantil e expressiva que se referem ao enriquecimento das possibilidades de comunicação e expressão linguagem corporal, imaginação e criatividade que reiteram a importância do movimento para expressar e comunicar idéias e emoções, o desenvolvimento das capacidades expressivo-instrumentais do movimento, possibilitando a apropriação corporal pelas crianças de forma que possam agir com cada vez mais intencionalidade. O teatro como produto de formas expressivas nos ajuda no que se refere ao reconhecimento e compreensão das propriedades comunicativas e expressivas.

Outra capacidade a ser atingida é o desenvolvimento da identidade e da autonomia nas quais estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais em que se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento delas próprias. O teatro como produto de construção de autonomia, nos auxilia na construção deste conceito, onde a criança gradualmente permite-se enquanto ser social, compreender-se e comunicar-se através de múltiplas formas: Movimentos, voz, entonação, tendo em vista a aquisição de seus próprios limites verbais e corporais, isso ocorre de forma efetiva na oportunidade do trabalho com o teatro via histórias infantis.

Parece-me importante destacar as capacidades de ordem cognitiva que estão associadas ao desenvolvimento dos recursos para pensar, o uso e apropriação de formas de

representação e comunicação a exemplo da linguagem oral e escrita envolvendo resolução de problemas. Dentro desta proposta, o teatro trabalha uma linguagem que oportuniza a criança utilizar as diferentes formas de linguagem da sociedade como a plástica, a verbal, a escrita, a corporal, entre outras expressando suas próprias vivências e experiências de maneira mais crítica e como isso, a criança analisa e avalia o resultado de suas ações tornando-se um ser pensante crítico e atuante interagindo de maneira mais eficaz no meio social em que vive.

Para realizar a prática do teatro na infância o professor precisa se basear no princípio de que as crianças têm uma capacidade intelectual e corporal particular a ela, sendo capaz de apreender a Literatura, as Artes Plásticas, a dança, a Música, o Teatro que os adultos possam lhe oferecer. Entretanto, cada atividade precisa ser analisada e muitas das vezes adaptada para conseguir atender às necessidades cognitivas em construção de acordo com sua maturação para a realização das atividades propostas. O professor (a) de Educação Infantil deve desenvolver-se em seu conhecimento nos campos variados da arte e aprimorar-se em sua capacidade expressiva, para que possa ampliar seu poder comunicativo através de efeitos dramáticos transmitidos pelo uso adequado da voz e do corpo, visando levar a criança a vivenciar as possibilidades expressivas e dramáticas do seu próprio corpo, sua voz, sua imaginação, atraindo sua atenção pelo sensível, pelo encantamento do imaginário da leitura e Conseqüentemente do teatro. Desta maneira, a criança sentindo-se acolhida e respeitada na interação do diálogo com o adulto ela começa a ampliar sua própria expressão, sua capacidade de argumentar e defender idéias, torna-se mais carinhosa e integral, em interação mais aproximada com o outro, aprendendo através do jogo faz-de-conta/dramático uma gama de possibilidade de sentido para a vida. O faz-de-conta no trabalho com a Educação Infantil segundo o RECNEI BRASIL, 1998, p. 31,33) manifesta-se primordialmente através da imitação.

Podemos afirmar que cabe ao professor organizar situações em que ocorram interações de aprendizagem que representem personagens diferenciados possibilitando ações e reações, seja no âmbito afetivo, emocional ou cognitivo estabelecendo seu papel nas atividades de teatro infantil, que implica no incentivo dos exercícios realizados coletivamente pelas crianças, nos quais elas se envolvam pelos conteúdos propostos pelo educador, mas permitindo que elas mesmas descubram as possíveis tarefas decorrentes dessa atividade lúdica coletiva. Benjamin (1984, p. 83) sugere que “é na coletividade infantil que podemos encontrar a “atualidade da criação” e a irradiação das mais poderosas forças”. Definamos, todavia, que o

educador deve dar atenção especial à observação, ponto de onde começa a educação, então a partir daí ele pode capturar o “gesto infantil”, que para Benjamin (1984, p. 86) a tarefa do educador é “libertar os sinais infantis do perigoso reino mágico da mera fantasia e conduzi-los à sua execução nos conteúdos”.

É por meio dessa liberação de gestos e sinais que é reservado um importante papel para as crianças, a imaginação associada à improvisação, relação de onde surge o gesto infantil, sendo o jogo teatral o sintetizador desse gesto que surge de repente. É através da improvisação que a criança pode ampliar sua imaginação raciocínio e criatividade durante a encenação se libertando do peso pedagógico, pelo jogo. Conforme Benjamin (1984 p.87), “a encenação é a grande pausa criativa no trabalho de educação”.

Através da dramatização podemos propiciar a livre expressão da criança, auxiliar o aparecimento do gesto infantil benjaminiano, porque quando ela improvisa a história coletivamente depois da apresentação da narrativa, ela consegue entender a construção da realidade atual se expressando e verbalizando criticamente, pois, o universo do conto apresenta o cotidiano real da sociedade numa perspectiva lúdica revelando tanto a beleza quanto a perversidade do mundo, sem fantasias que possibilitem as relações, e as modificações.

Partindo do fato de que, o teatro é uma forma de arte que se desenvolve durante a história e reflete à maneira das organizações das sociedades e à constituição dos diferentes tipos de indivíduos, clarificando conflitos, ideologias, formas de pensar e sentir, costumes, hábitos, mitologias. Pode ser definido como o local da apresentação da condição humana em forma de ação, um elemento eminentemente teatral. Como de toda forma artística surge uma linguagem, o teatro procura fazer sentido através de um elemento específico de sua natureza, a teatralidade, e esta é tudo aquilo que pode se tornar signo, sensação, emoção, percepção no instante em que se desfruta da arte teatral. É exatamente essa linguagem específica expressa pela teatralidade da contação de histórias que se deseja que a criança conquiste, com o objetivo de favorecer seu desenvolvimento integral através da aquisição de conhecimento capaz de fazê-la criar sentido, elemento indispensável na união entre arte, educação e vida. Este sentido surge gerando uma variedade de perspectivas de se representar a realidade do mundo, dentro de um contexto coletivo. Contudo, a contação de história por meio do teatro se

baseia em expressões tanto verbais quanto corporais, essas expressões são adquiridas com a vida, desde a menor idade.

As diferentes formas de expressão da criança, durante seus primeiros meses de vida, constituem uma primeira forma de comunicação com o mundo que a rodeia... Nessa fase, a criança começa a buscar novos meios de expressão: o salto, os gestos, os ruídos, garatujas (REVERBEL, 2002, p. 18).

De modo que a expressão corporal é a primeira expressão que surge na vida da criança, por meio de gestos e ruídos, para exteriorizar seus sentimentos e desejos, conquanto com o tempo todas essas expressões vão adquirindo, gradualmente, diversos sons até se transformar em palavras. Mais tarde, na pré-escola, todas as expressões verbais e corporais devem ser incentivadas e orientadas pelo professor, deixando que tais manifestações sejam de forma espontânea, pois, assim, a criança manifesta sua personalidade e estimula seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo. Como afirma (Reverbel 2002, p.19) “Ao orientar as primeiras atividades de expressão, o professor precisa considerar, antes de tudo, as manifestações espontâneas da criança que é a única coisa que permitirá a ela exteriorizar sua personalidade.”

A escola deve estimular as crianças à ouvir histórias e/ou participar, seja através de uma peça dirigida pela professora ou por uma simples brincadeira de faz-de-conta na vida da criança, tornando-se indispensável para um pleno desenvolvimento da mesma, na qual utiliza-se deste recurso para compreender situações e construir conhecimentos de que necessitam para desenvolver sua personalidade e sua criatividade, o qual Vygotsky conceitua como uma realização humana de algo novo. A atividade criadora ou a criatividade dividem –se em “duas modalidades básicas de impulsos criador ou combinador. O primeiro está vinculado à memória e o segundo relacionado à criatividade”. (Japiassu, 2007, p. 19). Percebe-se que a espontaneidade da criança nas atividades de expressão (teatro) é necessária para a ampliação e desenvolvimento da criatividade e esta é adquirida através da espontaneidade, portanto o impedimento da mesma pode causar problemas futuros, pois, se

essas manifestações espontâneas não ocorrerem, essas mesmas atividades poderão originar um bloqueio, de que podem resultar vários problemas, como timidez, agressividade, falta de fluência verbal e gestual, dificuldade de relacionamentos e outros mais (REVERBEL, 2002, p.21).

Logo, na escola, especificamente nas séries iniciais, é necessário incluir o jogo teatral livre para as manifestações espontâneas fundamentando-o como uma prática que tem como características a organização, a frequência e a de união das literaturas infantis utilizando-as

como texto dramaturgico na execucao da teatralidade por crianas pequenas, com o principal objetivo de fazê-las entender a vida que a rodeia, as contrariedades sociais e a cultura a qual pertence. Acreditamos que por meio desse exercicio proposto pela pratica teatral a crianca pode tomar conhecimento acerca das relacoes existentes no mundo, expressas nas aventuras das historias e contos infantis, constituindo seu imaginario atraves de imagens proporcionadas pela narrativa fantasiosa, pelo exercicio corporal na interpretacao concreta incutida no fazer teatral.

Podemos supor, entao, que o individuo pode se constituir como um sujeito responsavel tanto consigo mesmo, como com aqueles com os quais convive no meio social a partir da arte, pois esta se constitui num ato etico de melhoria das condicoes de vida no mundo, levando o ser humano, pela sensibilizacao, pela reflexao e pela linguagem a se relacionar com solidariedade.

Quando a crianca representa não tem preocupacao com a construcao do personagem apenas imita falas, gestos, movimentos esta açao é com o devaneio, como se fosse sonho imaginario, uma atividade prazerosa provocada pelo interesse ludico de viver diferentes vidas. Nessa visao, é fundamental relatarmos a diferenca entre a representacao teatral e a dramatizacao espontanea vivenciada pela crianca durante suas brincadeiras imaginativas (faz-de-conta).

Na representacao teatral a crianca é preparada para uma apresentacao para um determinado publico, entao esta transforma-se no momento da apresentacao no personagem, mas já tem maturacao suficiente para saber distanciar a vida do personagem com a sua, a sua realidade. Já a crianca muito pequena ainda não possui maturidade psicologica suficiente para entender o interior de um personagem. Ela imita as açoes exteriores, se transforma em feras, fadas, bruxas, mocinhos, princesas, sem compreender a distancia entre a sua propria vida e a do personagem, somente se envolve totalmente com seu gesto dramático no instante em que o cria, mas também interrompe rapidamente quando perturbada, mostrando consciencia de que apenas brinca de ser. Entretanto, por ser ainda imatura, e não ter desenvolvido a consciencia de poder distanciar-se da realidade do mundo, acaba confundindo-se com ela.

A dramatizacao espontanea aparenta ser um jogo prazeroso e importante para ela, pelo fato de desenvolver suas habilidades expressivas e estabelecer compreensao sobre as relacoes sociais e também maturacionalmente desenvolve-se alcançando conhecimento pela

ferramenta lúdica que é a dramaticidade, que lhe possibilita viver as vidas de muitos personagens na sua. Para Bakhtin (1992, p.96). “a arte possibilita-me viver várias vidas em vez de uma só, e com isso enriquecer minha experiência pessoal, possibilita-me participar internamente de outra vida, em nome do significado que ela comporta”

Os Educadores da Educação Infantil devem utilizar esta habilidade da criança na dramatização espontânea para desenvolver seu interesse pela representação teatral que pode ajudá-la a construir sua linguagem, pelo contato com diversificadas narrativas fantasiosas que podem ser dramatizadas. Então simultaneamente, a criança desenvolve o prazer pela exploração de sua expressão corporal (gestual e vocal) e consegue uma experiência lúdica com as outras crianças da turma, descobrindo que pode ir além da linguagem verbal através de sua expressividade, engrandecendo sua experiência por meio de atividades teatrais organizadas, quando lhe é proporcionada no ambiente educacional oportunidade de vivenciar e de aprender pela arte que suas atitudes na relação com o outro dá sentido aos possíveis atos deles e exige reflexão e auto-reconhecimento.

Na representação na Educação Infantil devemos considerar a dificuldade da criança numa apresentação cultural na instituição, pois ainda não tem o costume com a figura do espectador e, portanto precisa oferecer-lhe oportunidades de exercitar várias vezes, o jogo dramático na sala de aula, tornando-se uma prática e assim dando possibilidade da criança acostumar-se com a figura do espectador, que pode ser um educador (a), um coordenador (a), supervisor (a) e, principalmente, as outras crianças que convive e divide a atividade teatral com as quais lhe darão suporte emocional e afetivo. A tríplice relação entre o eu, o herói e o ouvinte é constantemente exercitada durante a atividade teatral, pois a criança vai à busca da fantasia, do encantamento, da emoção, da cultura proposta pelo gesto teatral, se vestindo da vida do personagem e apresentando uma nova visão crítica e emocionada dos erros e acertos cometidos anteriormente pelas sociedades.

Todavia, ao instituir essa prática teatral organizada, estamos chegando além das fronteiras do jogo dramático, que concerne especificamente à livre imaginação infantil que se sustenta na dramatização livre dos contos de fadas nos quais a criança poderá exercitar a teatralidade. Esses contos utilizam uma linguagem apropriada para o entendimento da criança, são ricos em realidade cotidiana e traduz para a criança modos de vida que se constituíram no passado, mas que continuam vivos na atualidade ajudando-os a compreender as relações

sociais do mundo que a cerca, começando a construir no presente da sua vida a memória do futuro pelo encantamento e pela fantasia. Pois, para Bakhtin (1992, p.20) “a visão artística se organiza ao redor da vida do ser humano, constituindo seu ambiente de valores através das relações estabelecidas por ele no tempo, no espaço e no sentido, criando sua realidade estética”. Uma vez que é no interior dos contos de fadas que encontramos valores que se referem ao acontecimento da vida da linguagem apropriada para falar ao interior da alma infantil.

Um exemplo é quando a “Bela”, ignorando a aparência física da “Fera”, se importando apenas com o lindo e sensível interior, por ela se apaixona, podemos nos lembrar das milhares pessoas que vivem o amor verdadeiro que ultrapassa os sentidos físicos para viverem em um encantamento emocional inexplicável. Quando “Bela” ignora as grosseiras da natureza da “Fera” olhando apenas para o que ela pode se tornar, podemos nos lembrar das mesmas pessoas que não fixam seus olhares para os defeitos da pessoa amada, mas que determinam um alvo de ajuda a estas pessoas para que elas venham a superá-los. Sentimos então nos contos de fadas “a resistência da realidade do acontecer da existência” (Bakhtin, 1992, p. 213).

Neste ponto, é possível encontrarmos partilhas da constituição de um novo ser humano, como modificar a sociedade pela reflexão e crítica à valores e à atitudes autoritárias, através do reconhecimento do valores da sociedade e da vida. Percebemos que aqui se encontra o fundamento pedagógico do Teatro: A capacidade de afetar modos de pensar, comportamentos, atitudes, através de uma atividade dramática coletiva organizada que contribui na possibilidade de mudar o mundo que conhecemos, possibilitar acesso a formas de conhecimento sensível que permita a criança perceber que ela se constitui nas relações sociais, que não está isolada no mundo, que o que ela pensa hoje já foi pensado anteriormente por outros, mas que ela pode transformar positivamente a idéia ou situação original.

## **JUSTIFICATIVA**

O estudo se justifica no desejo de verificar a aplicação do teatro em 10 salas de Educação Infantil das redes pública e particular do município de Campina Grande e tem como foco de investigação os procedimentos metodológico-pedagógicos que desenvolvemos em teatro enquanto ação educativa. Uma das principais motivações que levou a opção dessa investigação é pela nossa aproximação com a arte teatral em quase todas as etapas de nossa vida: desde a tenra infância aos dias atuais, passando por várias formas de realizar teatro. No entanto podemos ver que o panorama do teatro na educação como forma de diversão e também de recurso para desenvolvimento cognitivo, social e emocional está longe de ser um todo coeso. As lacunas parecem ser ainda maiores do que as pistas existentes em termos metodológicos. A reflexão foi aberta e inclui contribuições de professores das redes educacionais, pública e privada do município de Campina Grande-PB, como também de teóricos que nos embasam acerca da discussão do tema.

## **METODOLOGIA**

Salientamos que ao longo desta pesquisa de campo realizada no período de um ano, resgatamos através de uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto em pauta, desde livros acadêmicos, reportagens em revistas, consulta em sites. Para tanto, são especificados, a seguir, os procedimentos adotados para a coleta de dados nessas instituições da pesquisa que foram: os questionários entregues a cada professora da rede pública e particular das duas escolas mediante explicação dos objetivos da pesquisa, a realização dos questionários e análise de todas as respostas.

## **CARACTERIZAÇÃO**

A pesquisa de Campo foi realizada no Município de Campina Grande, Paraíba-Brasil, no período de 11 a 15 do mês de Outubro numa escola particular e em uma Creche Municipal

de Campina Grande. A creche totalizava 163 alunos, abrangendo seu atendimento a seis comunidades, e numa escola particular com 220 alunos do segmento da Educação Infantil também no Município de Campina Grande, Paraíba- Brasil que não abrangia seu atendimento a comunidades específicas, mas a cidade como um todo levando em conta os filhos de funcionários que moram em diferentes locais. O nível sócio econômico das famílias atendidas era de classe alta como por exemplos filhos de políticos, médicos, advogados, etc. na Educação Infantil.

A instituição pública, alvo da pesquisa, apresentava-se com seu prédio muito bem conservado, pois passou por uma reforma a um ano, depois de muitos anos de quase abandono segundo a diretora. Seu aspecto físico mostrava-se da seguinte maneira: Suas dependências dividiam-se em; uma sala de vídeo; um refeitório organizado e bem decorado; uma cozinha limpa e bem organizada; dois banheiros limpos, decorados por temas, divididos por séries com todo material (sabonete, toalhas, escova de dente) das crianças separadas por numeração, contendo quatro chuveiros, três vasos sanitários, três torneiras de fácil acesso para as crianças e uma área do banho de médio porte elevada situada no canto; um banheiro social limpo, porém pequeno para uso dos funcionários; dois dormitórios chamados de salas de repouso decorados com temas angelicais possuindo oito camas cada, totalizando uma baixa quantidade de camas para o número de crianças que as utilizavam no mesmo horário, ficando duas crianças em cada cama; uma pequena área de serviço onde as lavadeiras faziam a higienização das roupas utilizadas pelas crianças; um playground contendo dois escorregos sem nenhuma segurança e uma casinha de cimento; uma ampla área não coberta para recreação; uma pequena secretaria que também servia como diretoria; uma rouparia na qual ficava toda a roupa utilizada pelas crianças durante sua estadia na creche separadas também por numeração, quatro salas de aulas amplas, arejadas e limpas que faz o atendimento do maternal até a o Pré II.

A mobília presente na sala vem em proporção à idade das crianças, como também a sua decoração e a acessibilidade ao banheiro. A idade para a aceitação na Creche dá-se dos 2 aos 6 anos de idade

A instituição particular apresentava-se com seu prédio também muito bem conservado, organizado e bonito. Seu aspecto físico mostrava-se da seguinte maneira: Suas dependências dividiam-se em cinco blocos por numeração e nomenclatura, cada um contendo 10 salas com

nomes de acordo com o nome do bloco, 1 psicóloga, 1 supervisora e 1 coordenadora para cada bloco e ainda um coordenador geral de esportes, bloco Via Láctea, bloco Onda Verde, bloco Biosfera, bloco estação ciência disponibilizando vários laboratórios diversificados amplos organizados, limpos, arejados com ar condicionados como: sala de informática denominada sala do futuro, biblioteca para os alunos maiores, uma biblioteca específica para a educação infantil, sala de multimídia, laboratório de Física, laboratório de Ciências Naturais, laboratório de Física. E finalmente o bloco que nos deteremos que é o bloco Natureza da Educação Infantil mantendo a estrutura dos outros ele tem 10 salas em forma de círculo com bancos de cimento no meio formando tipos de pracinhas, jogos no desenhados no chão, 2 banheiros coletivos do maternal chamados infantil I e II, bebedouro individual para cada sala, muito arborizado assim como toda a escola, sala da coordenação, sala de psicomotricidade com um psicomotrecedor específico para a realização de atividade de lateralidade, espaçamento, coordenação motora entre outras com as crianças.

A segurança é ótima, pois, todos os portões de acesso ficam com cadeado evitando a entrada de estranhos, sem contar com minha observação que foi dirigida por uma pessoa específica já que ninguém pode andar lá dentro por conta própria, pois não é permitido. Distribuídas na escola estão a sala de supervisão, direção, loja de fardamento, sala de Dança, sala de música, sala de judô, um ginásio interno outro externo(quadra) ateliê, pista de Cooper, coordenação de esportes, copa, sala dos professores, área da piscina, Rancho e uma fazenda com vários animais de verdade contendo bancos de madeira para a aula expositivas nestes lugares, play ground, caixa de areia para adquirirem anti-corpos, horta orgânica utilizados pelas crianças para noções de agricultura com um agrícola para as instruções de plantação dos alimentos cultivados por eles, açude utilizado para pescaria, campo de futebol, vários campos de areia.

Possui também campo gramado do tamanho de um campo profissional, para as crianças correrem e se exercitarem, uma capela na qual eles tem aulas de orientação humana, casa dos sonhos que faz jus ao nome, na qual é uma pequena casa com vos cômodos de uma casa comum com todos os móveis necessários, porém de tamanho adequados para eles onde tem aula de ética e boas maneiras. A idade para a aceitação dá-se 1 ano e 6 meses à 6 anos, abarcando de 15 à 25 alunos por turma em média funcionando em dois turnos, (manhã 7:00 às 11:30 e tarde das 13:00 às 17:30) todas as turmas inclusive a Educação Infantil.

## **SUJEITOS**

No que se refere aos sujeitos da pesquisa foram as educadoras da Creche do município de Campina Grande, a instituição dispõe de seis professoras, tendo ainda a assistência presente de um recreador que faz presença na participação das aulas, tanto no período da manhã como da tarde. Há uma supervisora e uma coordenadora, não contando com a presença importantíssima de uma psicóloga, mas recebendo a assistência sempre que necessário de uma psicóloga do CAPS (Centros de Atenção Psicossocial). Quanto a instituição particular no segmento da Educação Infantil, que foi o alvo da pesquisa percebemos que todos possuem formação superior, desde a professora, a supervisora, as duas coordenadoras e a psicóloga, dos diretores. O planejamento é feito semanalmente com discussões em grupo.

## **COLETA DE DADOS**

Para coletar os dados, utilizamos como instrumento um questionário com perguntas abertas (em anexo), no qual foi possível colher as informações necessárias para a pesquisa.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

Os dados resultantes da pesquisa de campo foram trabalhados através de uma análise qualitativa, ponderando a “fala” das professoras respaldadas em comentários e reflexões sobre o estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentaremos a seguir os resultados e análise da pesquisa de campo que subsidiou este estudo, serão aqui colocados em gráficos para melhor compreensão e visualização das questões.

<b>QUADRO 1</b>		<b>O que é teatro para você?</b>
<b>Professor</b>	<b>Rede</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professor 1</b>	<b>Pública</b>	Teatro é arte, cultura, movimento, expressão, sentimento, ou seja, o teatro liberta e contribui no desenvolvimento de toda e qualquer cultura, como também do ser humano.
<b>Professor 2</b>	<b>Pública</b>	É uma forma lúdica de promover a acessibilidade à cultura integrando a sociedade ao saber. Além de ser uma arte histórica que desenvolve as faculdades da inteligência.
<b>Professor 3</b>	<b>Pública</b>	O teatro é a arte de manipular os problemas humanos, entre os comportamentos humanos mais íntimos está o costume de criar que representam desejos, necessidades e modelos sociais.
<b>Professor 4</b>	<b>Pública</b>	São as artes cênicas através das quais se pode criar representações fictícias ou da nossa realidade.
<b>Professor 5</b>	<b>Pública</b>	Não quis responder.
<b>Professor 6</b>	<b>Privada</b>	É uma arte para movimentar, encantar, emocionar, envolver a si mesmo e ao outro. O teatro é movimento em todos os aspectos.
<b>Professor 7</b>	<b>Privada</b>	É poder atuar, dramatizar, representar contos, histórias, ou até mesmo situações do nosso cotidiano...
<b>Professor 8</b>	<b>Privada</b>	É a dramatização de quaisquer texto produzido, sejam eles informativos, poemas, narrativas como literaturas infantis, dentre outros.
<b>Professor 9</b>	<b>Privada</b>	É uma forma de arte onde atores representam histórias ou atividades para o público em determinado lugar e que contribui para o processo ensino aprendizagem.
<b>Professor 10</b>	<b>Privada</b>	É uma forma de expressar seus sentimentos seja ela qual for, o teatro ajuda muito a minimizar a timidez de algumas pessoas.

Neste primeiro quadro podemos perceber diferentes concepções do que seria o teatro. Em todas as respostas há coerência, mesmo que sejam apenas em detalhes. Podemos encontrar na afirmação da professora 1 portanto, a síntese de todas as respostas na qual ela

apresenta que “teatro é arte, cultura, movimento, expressão, sentimento, ou seja, o teatro liberta e contribui no desenvolvimento de toda e qualquer cultura, como também do ser humano.” De fato, o teatro estimula o indivíduo no seu desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico. Mas, apesar disso, o teatro é arte, arte que precisa ser desenvolvida não apenas em níveis pedagógicos, mas também como uma atividade artística que tem as suas características como tal. Assim Reverbel (1989, p. 30) declara: “O teatro tem a função de divertir instruindo é uma verdade que ninguém pode contestar, pois seria negar-lhe a própria história”. Logo, teatro também é instrução, mas considerar isso como a essência teatral corresponde a desconhecer suas múltiplas manifestações. Que abrange a função de dar prazer, alegria, algo essencialmente agradável.

<b>QUADRO 2</b>		
<b>Você considera o teatro como uma forma artística para ser apreciada e trabalhada por crianças da Educação Infantil? Por quê?</b>		
<b>Professor</b>	<b>Rede</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professor 1</b>	<b>Pública</b>	Sim, pois é um instrumento a mais na mão do professor e que pode ser bem utilizado sempre com as crianças, sendo possível mudar alguns mitos como o de que a criança “não consegue” ou “não sabe interpretar”.
<b>Professor 2</b>	<b>Pública</b>	Sim. Por que além do teatro ser encantador, ele é envolvente, incentiva a educação, desenvolve a atenção, estimula a criatividade e habilidades. Podendo também ajudar na oralidade, coordenação motora e estrutura de pensamentos das crianças que apreciam e se envolve com essa arte.
<b>Professor 3</b>	<b>Pública</b>	Sim, o teatro proporciona as crianças o desenvolvimento de várias habilidades, ao confeccionar, ao criar texto, e ao encerrar as peças.
<b>Professor 4</b>	<b>Pública</b>	Claro. Através dele podemos trabalhar movimentos, oralidade e expressividade da criança.
<b>Professor 5</b>	<b>Pública</b>	Não quis responder.
<b>Professor 6</b>	<b>Privada</b>	Sim. Porque o teatro envolve pelas representações, expressões corporais algo importante e fundamental na educação infantil, além disso trabalha a coletividade e concentração.
<b>Professor 7</b>	<b>Privada</b>	Sim, tenho certeza disso. É através da representação que podemos trabalhar com as crianças a linguagem, a questão sócio-afetiva com aquelas crianças mais tímidas, entre outros.
<b>Professor 8</b>	<b>Privada</b>	É muito importante trabalhar com o teatro na educação infantil, pois aguça a imaginação das crianças e desenvolve o interesse pelo que é transmitido.
<b>Professor 9</b>	<b>Privada</b>	Sim, porque uma vez que a criança tem a oportunidade de participar das atividades com teatro, ela vivencia, entende, amplia, aprecia e aprofunda sua linguagem de forma lúdica e significativa para sua aprendizagem.
<b>Professor 10</b>	<b>Privada</b>	Sim as crianças gostam sempre de novidades e o teatro é fantástico para ser apreciada por elas, pois mexe com a sua imaginação.

O quadro 2, apresenta a visão das professoras quanto à importância do uso das atividades teatrais na Educação Infantil, expondo que tal atividade deve ser considerada como essencial para todos os professores incluírem em suas práticas pedagógicas, pois, como foi destacada na pesquisa pelo relato da professora (2), a teatralização é importante, “porque além do teatro ser encantador, ele é envolvente, incentiva a educação, desenvolve a atenção, estimula a criatividade e habilidades. Podendo também ajudar na oralidade, coordenação motora e estrutura de pensamentos das crianças que apreciam e se envolve com essa arte.” A representação é um dos meios pelos quais nos relacionamos com o outro. O processo dramático é considerado um dos mais importantes para os seres humanos. Porém, nosso objetivo na escola não é ter um aluno-ator, um aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana (REVERBEL, 1989, p.22).

Destacamos que não queremos introduzir as atividades teatrais na Educação Infantil para tornar os alunos artistas, mas ajudá-los a alcançar habilidades que lhe são propostas no ensino infantil, como retrata a professora 6: “o teatro envolve as representações, expressões corporais algo importante e fundamental na educação infantil, além disso trabalha a coletividade e concentração.” Os PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) procuram identificar os diversos argumentos sobre a importância do conhecimento artístico. A abordagem dramática na educação reconhece a importância do teatro infantil e considera-o como base da educação criativa. O teatro na escola, de acordo com os PCNS, tem o objetivo de levar o aluno a desenvolver um maior domínio do corpo, tornando-o expressivo, tendo um melhor desempenho na verbalização, uma melhor capacidade para responder às situações emergentes e uma maior capacidade de organização de domínio de tempo.

É visível, através do quadro de respostas nº2, o reconhecimento da importância do uso das atividades teatrais para a Educação Infantil (em escala pelos sujeitos da pesquisa), pois, é destacado unanimemente que é de fato importante o trabalho artístico como também pedagógico dos jogos dramáticos com as crianças da Educação Infantil para o desenvolvimento nas diversas áreas.

<b>QUADRO 3</b>		
<b>Como você analisa a utilização de formas teatrais no processo de ensino aprendizagem?</b>		
<b>Professor</b>	<b>Rede</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professor 1</b>	<b>Pública</b>	Como uma ferramenta valiosa no processo de ensino-aprendizagem, pois muitas vezes ajuda o aluno a desenvolver a fala, a se expressar melhor, lidar com a timidez (em alguns casos), a trabalhar em grupo, entre outros fatores relevantes.
<b>Professor 2</b>	<b>Pública</b>	-----
<b>Professor 3</b>	<b>Pública</b>	As formas teatrais refletem o fato interessante de criar a partir do inanimado “um duplo”, um semelhante que sente, fala, discute, vive no lugar de outro e, deste modo coloca o homem como observador de suas próprias atitudes.
<b>Professor 4</b>	<b>Pública</b>	A utilização de formas teatrais é trabalhada a partir de dramatizações de histórias de literatura infantil.
<b>Professor 5</b>	<b>Pública</b>	Não quis responder.
<b>Professor 6</b>	<b>Privada</b>	Importante pois o teatro abre espaço para as diferenças, integrando o aluno como agente participativo e valorização do trabalho em grupo conscientizando assim que cada criança tem uma papel (participação) que sempre irá somar no desempenho do grupo (teatral).
<b>Professor 7</b>	<b>Privada</b>	De grande importância, pois as crianças aprendem muito ao dramatizar uma história ou conto e até mesmo o cotidiano, como por exemplo, sua vez de falar, ao se expressar em público, desempenhar papéis do dia-a-dia, elas se aproximam mais da realidade e isso faz com que elas internalizem melhor o que aprenderam.
<b>Professor 8</b>	<b>Privada</b>	Acredito que as formas teatrais servem como facilitadoras para o ensino aprendizagem principalmente na educação infantil e são muito ricas quando bem elaboradas.
<b>Professor 9</b>	<b>Privada</b>	Significativa e prazerosa, pois a criança tem mais facilidade para expressar-se tanto oralmente como corporal e possibilita a viagem no mundo da imaginação.
<b>Professor 10</b>	<b>Privada</b>	É ótimo, por exemplo quando a criança dramatiza uma história junto com a professora em sala de aula podemos ver o brilho nos seus olhos no momento em que entram no mundo imaginário isso ajuda bastante na aprendizagem.

A concordância de todas as respostas em referência ao uso das atividades teatrais no processo de Ensino Aprendizado na Educação Infantil narra que é uma ferramenta valiosa nas mãos dos educadores comprometidos com o desenvolvimento da criança não apenas na área cognitiva, mas em sua totalidade, na visão social como apresentada pela Professora 6 da rede privada de ensino que expressa a opinião de que trabalhar o teatro, “é importante pois o teatro abre espaço para as diferenças, integrando o aluno como agente participativo e a valorização do trabalho em grupo conscientizando assim que cada criança tem um papel (participação) que sempre irá somar no desempenho do grupo (teatral).” Já a professora 7 destacou que o teatro na Educação Infantil é “De grande importância, pois as crianças aprendem muito ao dramatizar uma história ou conto e até mesmo o cotidiano, como por exemplo, sua vez de

falar, ao se expressar em público, desempenhar papéis do dia-a-dia, elas se aproximam mais da realidade e isso faz com que elas internalizem melhor o que aprenderam.”

Na visão psicológica colocada pela professora 1 a atividade teatral revela-se “Como uma ferramenta valiosa no processo de ensino-aprendizagem, pois muitas vezes ajuda o aluno a desenvolver a fala, a se expressar melhor, lidar com a timidez (em alguns casos), a trabalhar em grupo, entre outros fatores relevantes.”

Na visão cognitiva alertada pela professora<sup>10</sup>, “É ótimo, por exemplo quando a criança dramatiza uma história junto com a professora em sala de aula podemos ver o brilho nos seus olhos no momento em que entram no mundo imaginário isso ajuda bastante na aprendizagem”. E na visão emocional (sensitiva) retratada pela professora 9 o jogo teatral infantil é uma atividade “Significativa e prazerosa, pois a criança tem mais facilidade para expressar-se tanto oralmente como corporal e possibilita a viagem no mundo da imaginação” .

Mediante os dados apresentados pelo quadro de respostas, houve, de um modo geral, a concordância de que o teatro é uma peça de auxílio para o ensino/aprendizagem. De acordo com as idéias de (SANTOS, 2010) assim como AMARAL (1984) ambos fazem o incentivo para o seu uso, pois este vem a ser uma ponte para ativar a criatividade e o desenvolvimento cognitivo da criança da mesma maneira para que conseguisse atingir seus objetivos através da prática teatral. Cada tarefa é um desafio a ser descoberto e alcançado, ultrapassando seus limites, aprendendo assim o valor da superação, como foi a declaração da professora (1) que através do seu uso contínuo há a facilidade de um maior aprendizado, confirmada por Valente deixando claro que:

A linguagem produzida na integração entre imagens, movimentos e sons atrai e toma conta das gerações mais jovens, cuja comunicação resulta do encontro entre palavras, gestos e movimentos, distanciando-se do gênero do livro didático, da linearidade das atividades da sala de aula e da rotina escolar (ALMEIDA, 2007p. 161).

Constatamos que embora para muitos professores a utilização de atividades teatrais torna-se um meio de trabalho mais dinâmico, para ser trabalhado pelos alunos em sala de aula, e mesmo que muitos ainda façam junção ao seu tempo de rotina para serem explorados, é curioso entender que não importa jogos ou dramatizações que venham a ser trabalhados, se o objetivo do professor for apenas à retenção de conteúdos, essa ferramenta poderá não atingir seu alvo, pois como foi citado pelas professoras, o jogo dramático passa a perder sua essência de história/cultura/imagem, e seus próprios aprendizados como sua vez de falar, ao se

expressar em público, desempenhar papéis do dia-a-dia, não abrangendo apenas atividades conteudista.

<b>QUADRO 4</b>		
<b>Você utiliza a literatura Infantil em sua sala de aula de que maneira? E consegue fazer alguma ponte com o teatro infantil? Como?</b>		
<b>Professor</b>	<b>Rede</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professor 1</b>	<b>Pública</b>	Procuramos sempre mudar de ambientes para fugir um pouco da rotina de leitura apenas na sala de aula, também procuramos sempre literaturas que tenham a ver com o projeto em questão, mas também literaturas que não sejam do projeto, ainda usamos fantoches, desenho, entre outros.
<b>Professor 2</b>	<b>Pública</b>	As histórias são contadas através de fantoches, “palitoches”, vários recursos didáticos, como também com materiais alternativos (sucata entre outros) onde as personagens são a própria sucata. Há também o estímulo da entonação da voz; a própria professora se torna a personagem e interage com os alunos, como por exemplo na história de Chapeuzinho Vermelho, onde a professora vestiu a capa vermelha enquanto passeava pela sala contando a história e no fim distribuindo doces da “vozinha” com as crianças.
<b>Professor 3</b>	<b>Pública</b>	Dramatização por meio do teatro de bonecos, identificação das características dos personagens e sua atuação em fatos mais fictícios, produção coletiva de texto, demonstração da imaginação e espontaneidade no manuseio de bonecos, etc.
<b>Professor 4</b>	<b>Pública</b>	Uso a literatura infantil como atividade permanente na rotina de sala de aula como também trabalhamos algumas como forma de dramatização e outros recursos pedagógicos.
<b>Professor 5</b>	<b>Pública</b>	Não quis responder.
<b>Professor 6</b>	<b>Privada</b>	Através de leitura com os livros, mas também sempre que possível levar algum material como fantoches, algo que possa sair das páginas do livro e ser mais concreto para as crianças.
<b>Professor 7</b>	<b>Privada</b>	Livros de literatura infantil expostos na sala com fácil acesso as crianças para que leiam livremente; contação da história pela professora como também pelas crianças; leitura e escolha de livros na biblioteca; toda semana as crianças levam livros para lerem em casa, dramatização de histórias, entre outros.
<b>Professor 8</b>	<b>Privada</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura do livro;</li> <li>• Dramatização com fantoches e dedoches;</li> <li>• Dramatização realizada por nós professoras;</li> <li>• Leitura da estória e dramatização das crianças com suas respectivas fantasias;</li> <li>• Teatro de sombras.</li> </ul>
<b>Professor 9</b>	<b>Privada</b>	Rodas de leituras, manipulação e apreciação de livros de literatura infantil.
<b>Professor 10</b>	<b>Privada</b>	Eu trabalho muito dramatização em sala de aula, utilizando fantoches, músicas, na minha sala tem um pequeno teatro onde as crianças contam suas histórias do seu jeito utilizando esses fantoches.

Buscamos analisar, neste item, de que forma as professoras trabalham com a Literatura Infantil, sendo esta, um dos meios mais comuns da Educação Infantil, pois, a literatura poderá

ser considerada uma ferramenta de utilização cotidiana e explorada de maneira correta por parte das professoras aqui representadas, pois como afirma José

O que nos falta, que parece estar voltando nas melhores escolas, mas que ainda está desaparecida na vida familiar, é a história contada ou lida de maneira mágica, feita para encantar as crianças. Histórias que não querem é vender algo, como narrativas da publicidade. Histórias sem vontade de passar lições religiosas ou morais, sem vontade de ensinar nada, mas lidas ou contadas pelo simples prazer de envolver nas tramas das narrativas (JOSÉ, 2007, p.60).

Sabemos que a maioria das professoras em suas salas de aula, contam histórias por contar, no intuito de passar algum conteúdo, porém, podemos perceber diante do relato do autor que esta é uma visão errada de utilizar a Literatura Infantil como ação moralizadora. No entanto, diante das palavras das professoras pesquisadas podemos nos alegrar em saber que esta realidade acerca da Literatura na Educação Infantil está mudando no cotidiano escolar. Muitos professores estão mais abertos para essa realidade e estão buscando formas diferentes para serem trabalhados, como é o caso das Professoras questionadas que afirmam utilizar-se de diversos materiais pedagógicos para introduzir a história na sala de aula; fantoches, “palitoches”, sucata (professora 2), dramatização por meio do teatro de bonecos, manuseio dos livros e dos bonecos utilizados pela professora (professora 3), dramatização com dedoches, dramatização realizada por nós professoras, leitura da estória e dramatização das crianças com suas respectivas fantasias, Teatro de sombras (professora 8), sempre utilizando formas concretas para melhor associação e respeitando a maneira de contar das crianças como relata a professora 10.

Porém, algumas das professoras ainda não despertaram para esse viés da Literatura Infantil não explorando materiais diversificados para uma atração e interesse maior das crianças com a leitura como é o caso da professora 9, a roda de leitura diária foi uma maneira em que ela encontrou para melhorar trabalhar com suas crianças em sala de aula no momento da história. É uma tarefa diária que passa a fazer parte do contexto e adquire raízes na vida das crianças. Tal como foi a colocação de Cury (1998, p.30) “Treinar a emoção é desenvolver as funções mais importantes da inteligência, tais como: aprender a gerenciar os pensamentos, proteger a emoção nos focos de tensão, pensar antes de agir, se colocar no lugar dos outros, perseguir os sonhos, valorizar o espetáculo da vida”.

<b>QUADRO 5</b>		
<b>Pode-se teatralizar a contação de histórias? Por quê? De que forma?</b>		
<b>Professor</b>	<b>Rede</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professor 1</b>	<b>Pública</b>	Sim, com certeza, pois as crianças adoram se colocar no lugar daqueles personagens, e isso pode ser feito frequentemente enquanto a professora lê a história algumas crianças dramatizam, podendo até apresentar em outra sala.
<b>Professor 2</b>	<b>Pública</b>	Sim. Porque a história ganha um gostinho especial, na verdade ganha vida e faz os que ouvem mergulhar na literatura. Entonação da voz, expressões, com a participação ativa dos alunos, sendo as próprias personagens.
<b>Professor 3</b>	<b>Pública</b>	Sim, o boneco torna fácil a tarefa de estampar os sentimentos ações; cada uma apresenta um tipo definido e a partir desse traço marcante e imutável é muito simples a percepção e identificação de sua índole e do seu caráter. Que dizer através do boneco tanto é fácil a expressão como a identificação do que se dizer.
<b>Professor 4</b>	<b>Pública</b>	Fantoches, dedoches, aventais de histórias, caixas surpresa, tapete, colcha de retalho dentre outros.
<b>Professor 5</b>	<b>Pública</b>	Não quis responder.
<b>Professor 6</b>	<b>Privada</b>	Sim através de fantoches, materiais reciclados (transformados em cenários, bonecos.
<b>Professor 7</b>	<b>Privada</b>	Sim. A criança internaliza melhor. Elas podem recontar a história ou o conto através da dramatização na própria sala de aula com os colegas e depois para outros.
<b>Professor 8</b>	<b>Privada</b>	-----Não respondeu-----
<b>Professor 9</b>	<b>Privada</b>	Sim. A teatralização é utilizada com fantoches nas histórias infantis.
<b>Professor 10</b>	<b>Privada</b>	Sim, dramatização com utilização de fantoches.

Destacamos nessa análise as idéias da professora (2) que enfatiza sua utilização da teatralização de histórias em sua sala de aula e afirma que “a história ganha um gostinho especial, na verdade ganha vida e faz os que ouvem mergulhar na literatura. Entonação da voz, expressões, com a participação ativa dos alunos, sendo as próprias personagens.” Percebemos o seu envolvimento com a teatralização e como este torna-se um recurso pedagógico que acredita atingir seus objetivos.

Trabalhar com teatralização na sala de aula é favorecer espaço para que a emoção venha a tona, através da tarefa diária que passa a fazer parte do contexto e adquire raízes na vida das crianças.

Percebe-se que quando a leitura deixa de ser apenas uma função psicolinguística que abarca apenas a relação escrita/leitura e passa a rodear o mundo real da criança, seus efeitos sobre elas se dão com aplausos, porque é através das soluções que recebem das leituras que podem concretizar seu desejo de participação e envolvimento com mundo.

<b>QUADRO 6</b>		
<b>Você utiliza alguma forma de teatralização na contação de histórias? Quais?</b>		
<b>Professor</b>	<b>Rede</b>	<b>Respostas</b>
<b>Professor 1</b>	<b>Pública</b>	Sim. Enquanto a professora está lendo as crianças interpretam, que pode ser uma narrativa, um poema ou música.
<b>(Rede pública) Professor 2</b>	<b>Pública</b>	Mudo a entonação da voz, sou a personagem, uso fantoches, crio histórias e com ela recursos como por exemplo a caixa de histórias, fantasias e etc.
<b>Professor 3</b>	<b>Pública</b>	Sim, os fantoches são bonecos que se encaixam na mão de quem vai manusear. Seus movimentos vai depender do movimento que o operador faça com os dedos e o pulso.
<b>Professor 4</b>	<b>Pública</b>	Sim. Através da dramatização a criança se apropria da história contada.
<b>Professor 5</b>	<b>Pública</b>	Não quis responder.
<b>Professor 6</b>		Acredito que a contação de histórias para crianças de Ed. Infantil e principalmente até os 4 anos requer a teatralização, incorporação de personagens, modificação no tom da voz, fantoches, bonecos, máscaras e a participação das crianças.
<b>Professor 7</b>	<b>Privada</b>	Sim. As crianças recontam a história através da dramatização, cada uma escolhe o seu personagem e se caracterizam para esse reconto, entre outros.
<b>Professor 8</b>	<b>Privada</b>	Não respondeu esta questão.
<b>Professor 9</b>	<b>Privada</b>	Sim, porque além de ser obter uma interação mais eficaz é um momento prazeroso de aprender. Essa teatralização pode ser feita com fantoches e com a caracterização das próprias crianças.
<b>Professor 10</b>	<b>Privada</b>	Sim, a história sendo contada em uma dramatização com todos da sala fica mais alegre e envolvente nenhuma criança fica parada, sempre a interação.

Através das respostas acima citadas (quadro 6) pelas professoras, é possível entender a importância que faz ao uso da teatralização de histórias explorando sua real função porém outras ainda não despertaram para o que realmente seria a contação de histórias e como poderia ser trabalhada em sua sala de aula apresentando o desconhecimento sobre seu aproveitamento e desenvolvimento dos nela envolvidos.

Sendo assim, a teatralização é inserida na vida das crianças à medida que passa a fazer parte do seu cotidiano, a retratar a sua realidade expressa em uma série de movimentos, gestos e falas o estado emocional, social, profissional entre tantos outros de uma pessoa. Estar atento a esses sinais e movimentos que se apresentam constantemente na atividade teatral ou até mesmo no jogo simbólico, traz um emaranhado de respostas e porque não, soluções diárias para os comportamentos que as crianças podem estar expressando naquele dia, pois às vezes o que representam através da imitação ou dramatização vem sendo uma situação real sua, podendo muitas das vezes resolver situações que a angustia, ou que a amedronta, ou até mesmo alguma frustração antes acontecida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse estudo é possível fazer algumas considerações referente ao professor que deve apropriar-se do trabalho com o jogo dramático/teatro no contexto da escola e/ou da sala de aula, principalmente por meio de CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS pois, assim ele poderá desenvolver um trabalho de qualidade no que se refere a formação do leitor, a partir da Educação Infantil.

Com base na pesquisa realizada, entendemos a qual mostrou que podemos contribuir, significativamente para desenvolver a formação do gosto pela leitura e concluir que o teatro deixa de ser mais uma opção, e torna-se uma necessidade dentro da instituição educacional que trabalha com crianças. Por outro lado, com base no resgate teórico realizado, conhecemos que o teatro infantil, através de jogos simbólicos, encenações e dramatizações, além de despertar nos alunos o interesse pela leitura ao fazer ponte com a literatura, no jogo dramático, auxilia a criança a conseguir vivenciar questões complexas e conflituosas de seu cotidiano com soluções iniciais, faz compreender o passado, preparando a criança para compreender o mundo em que está inserida, ajuda em descobertas relacionando a imaginação com a vida real, faz realizar todas as suas fantasias, constitui na transformação de atitudes, na aquisição e no desenvolvimento da linguagem, ajuda no desenvolvimento da segurança, atenção, percepção, memória sensorial, pensamento, espontaneidade, autonomia, criatividade, criticidade tão desejadas. Enfim, realizará atividades bem trabalhadas, desenvolvendo o aluno em sua totalidade, auxiliando em todas ou na maioria de suas áreas do conhecimento.

Sendo assim, concluímos, neste estudo, que ressalta a proposta de atividade teatral na Educação Infantil compreende o desenvolvimento global do indivíduo. Por tudo o que foi exposto, fica clara a importância da prática do teatro na escola especialmente na Educação Infantil e a necessidade de incentivo, pois estaremos colaborando com a melhoria do desenvolvimento e conhecimento dos educandos e conseqüentemente com o desempenho dos professores. Contudo é necessário a formação e aprimoramento dos profissionais da educação, pois, há ainda dificuldade ou resistência apresentada por parte de alguns educadores que por não saberem trabalhar com a atividade teatral, tem medo de arriscar o incentivo e a prática dessa atividade tão rica.

Ao término deste trabalho acreditamos que estaremos contribuindo para a compreensão sobre a criança e como esta interpreta o mundo em que vive, uma vez que o jogo dramático poderá se constituir como teatro, visto que se apresenta como uma atividade pedagógica criativa.

Por fim destacamos que a pesquisa foi satisfatória quando se colocou à tona o pensamento positivo da maioria das professoras pesquisadas sobre a atividade teatral na Educação Infantil e o empenho já dedicado por elas no incentivo dessa prática em suas aulas.

Quero concluir estas reflexões, acreditando que este estudo não é definitivo, não fica concluído, ele deixa margem para novas pesquisas na área, mas foi instrumento de conhecimento e crescimento em minha formação profissional como pedagoga na área de Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. 2003. (texto) Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/livro/1sf.pdf>> Acessado em 25/03/2011.
- AMARAL, Ana Maria. **O teatro de formas animadas**. 3ª edição. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1996.
- BAKHTIN, M.M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 1992
- BENCINI, R. **Todas as leituras**. Nova escola, São Paulo, n.194, p. 31, ago. 2006.
- Revista ACB: Biblioteca em Campina Grande, Paraíba, v.14, n.2, 355-371, jul./dez., 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus 1984.
- BETTELHEIM, BRUNO. **A psicanálise dos contos de fada**. Tradução: Arlene Caetano 16ª ed. Sp: PAZ E TERRA, 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/23564841/Bruno-Bettelheim-A-Psicanalise-dos-Contos-de-Fadas>. Acesso em: 20 Novembro de 2010.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990.
- \_\_\_\_\_. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõem sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Documento Introdutório. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Formação Pessoal e Social. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 2.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC, 1997.
- CAMAROTI, Marco. **A linguagem no teatro Infantil**. 3ª edição. Editora Universitária. UEPE. 2002.
- CHACRA, Sandra. **Natureza e o Sentido da Improvisação Teatral**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- CHANCEREL, Leon. **Jeux dramatiques dans l'éducation**. Paris: Librairie Théâtrale, 1948.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias - Uma arte sem Idade**. 6ª edição. São Paulo. Editora Ática, 1989.

COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.196.

CURY, Augusto. **Inteligência Multifocal**. São Paulo, Cultrix, 1998.

DI GIOVANNI, F. **Atlas básico de literatura**. São Paulo: Escala Educacional, 2007. 96 p.

DROUET, R. C. R.(1997). **Fundamentos da educação pré-escolar**. 3ª ed. São Paulo: Ática.

DUARTE, JR., João Francisco. **Por que arte-educação?/ João-Francisco Duarte JR**. 19ª ed. Campinas SP: Papyrus, 2008.

FARACO, C. E., et al. **Ofício de professor: aprender mais para ensinar melhor**: programa de educação a distância para professores de 5ª a 8ª séries e ensino médio: 3. Linguagens, códigos e suas tecnologias. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2004. p.98

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. 9ª ed..Rio de Janeiro: Zahar, 1971. P. 34-44.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2006. p.12

GAGNEBIM, Jean Marie. **A Criança no Limiar do Labirinto**. In: **História e Narração em W. Benjamin**. Campinas, Perspectiva, 1994

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. Porto Alegre, L&PM, 1994.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000 p. 12.

Dicionário PRIBERAM digital. O dicionário da língua portuguesa na internet. Disponível em: [http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)> acesso em: 20 de Maio 2010.

Enciclopédia digital Wikipédia. A Enciclopédia Britânica livre na internet. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro> > acesso em: 20 de Junho 2010.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. **Texto e Jogo**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

JAPIASSU, Ricardo. **Pesquisa Docência e prática pedagógica**. In: **A linguagem teatral na escola**. Campinas-SP. Editora Papyrus. 2007.

\_\_\_\_\_. **A linguagem teatral na escola**. Campinas-SP. Editora Papyrus. 2007.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do ensino de teatro**.. Campinas-SP. Editora Papyrus. 2008.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

JOSÉ, Elias. **Literatura Infantil-Ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre. Editora Mediação. 2007.

LOWENFELD, V. W.; BRITAIN, L. **Arte e a criança**: desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou. 1970.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações de trabalhos científicos. 2.edª São Paulo: Atlas, 1987. p.198

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Companhia Nacional, 1989.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Decifração da Escrita**: um pré requisito ou uma primeira leitura? Campinas: Mercado das letras: ALB; São Paulo: Fapesp 2002.;

\_\_\_\_\_. **Diante das letras**: a escrita na alfabetização. Campinas: Mercado das letras: ALB; São Paulo: Fapesp 1999. p. 113-119.

MELLON, Nancy. Como manter vivo o dom de contar Histórias. In: **A arte de contar Histórias**. Editora Rocco. 2006.

MOREYRA, ALVARO. **As amargas, não-** : (lembranças) / Alvaro Moreyra; [apresentação Antonio Carlos Secchin]. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2007. Disponível em: <http://www.academia.org.br/antigo/media/As%20amargas%20N%C3%A3o%20-%20Lembran%C3%A7as.pdf>. Acesso em: 20 Junho de 2011

MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ, M. M. **Escrever e ler**: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Porto Alegre: Artmed, 2000.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 2ª ed. São Paulo : Cortez , 2005.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. 2ª edição. São Paulo: Scipione, 2002.

\_\_\_\_\_, Olga. **Teatro na sala de aula**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

RIZZO, Gilda. **Educação Pré-escolar**. 3ª ed. Rio de Janeiro: F.Alves, 1985.

ROCO, Maria Thereza Fraga. **Viagens de leitura. Brasília**: MEC, Secretaria de Educação à Distância. Caderno da TV escola. 1996. p.58

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SLADE, Peter. **O jogo Dramático Infantil**. 8ª edição. São Paulo. Editora Sunnus. 1978.

SOUZA, M. S. D. **A conquista do jovem leitor**: uma proposta alternativa. 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998. p.114.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

STEFANY, R. **Leitura que espaço é esse?**: uma conversa com educadores. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1997. p.31

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e escrever**: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 191.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

WAJNSZTEJN, A.B.C.. WAJNSTEJN,R.. **Neurologia: uma visão multidisciplinar na Aprendizagem**. Olavobras, 1999.

XAVIER, Libânea Nacif. **Para além do campo educacional**: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2002.

## ANEXOS

Muito se sabe a respeito da importância do Teatro na Educação em todos os campos de atuação, fazendo, em Portugal, parte do currículo escolar obrigatório do primeiro ciclo. Os princípios pedagógicos do Teatro traçam relações claras entre Teatro e educação, considerando essa arte como uma forma humana de expressão, como também pedagógica, mas, muitos dos profissionais da área de Educação Infantil mesmo sabendo de tal importância não fazem uso desse tipo de atividade em sua sala de aula e os que arriscam fazer, fazem de qualquer maneira e muitas vezes dizem que não tem atividade diversificada suficiente para realizá-la.



Por isso trago várias sugestões para que os auxiliem em sua prática cotidiana.

### **Objetivos do teatro**

**Desenvolver o sentido do ritmo e do espaço e compreender a necessidade de dominar o corpo e seus movimentos;**

**Perceber, valorizar e apreciar a diversidade natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos relacionados a gênero e etnia;**

**Oportunizar a construção do conhecimento desenvolvendo as potencialidades num processo natural e gradativo, dentro do ritmo de cada indivíduo, condições cognitivas e de forma prazerosa.**

**Identificar-se como parte integrante da sociedade, percebendo os processos pessoais como elementos fundamentais para uma vivência, responsável e respeitosa em relação ao seu meio e ao meio da língua estudada.**

**Fortalecer a auto confiança superando bloqueios e inseguranças;**

**Trabalhar a linguagem em suas formas de manifestação, permitindo que o indivíduo utilize as diferentes formas de linguagem da sociedade (corporal, verbal, escrita, etc.) de forma a expressar suas próprias vivências e experiências de maneira crítica, levando a analisar e avaliar o resultado de suas ações.**

### **(Resultados) O trabalho com o teatro...**

- **Desenvolve a desinibição;**
- **Capacidades de relação interpessoal (coloca o indivíduo no lugar do outro);**
- **Trabalha a expressividade;**
- **Trabalha a transversalidade;**

- Envolve os alunos como também o professor;
- Emociona quem faz e quem assiste;
- Desenvolve a imaginação e a criatividade ;
- Desenvolve potencialidades corporais;
- Desenvolve expressão como também as emoções;
- Possibilidades uma melhor comunicação;
- Desenvolvimento das capacidades expressivo-instrumentais;
- Desenvolve capacidades de ordem cultural;
- Desenvolvimento da identidade e da autonomia;
- Desenvolve capacidades de ordem cognitiva que estão associadas ao desenvolvimento dos recursos para pensar e etc;

**De que forma podemos utilizá-lo em nossa sala?**

**Teatro de Sombras**



**Pantomima**



**Teatro de Fantoche**



**Teatro de Marionete**



### Teatro de bonecos



### Teatro de máscaras



Teatro tradicional que pode ser planejado ou espontâneo/ realizado pelo professor ou pela criança



Fotos de crianças com faixa etária de 2-3 anos realizando atividades teatrais espontânea no dia a dia da minha prática pedagógica, para comprovação da possibilidade de atividade teatral na Educação Infantil.

As crianças estão com marcações em suas faces para proteger suas identidades.



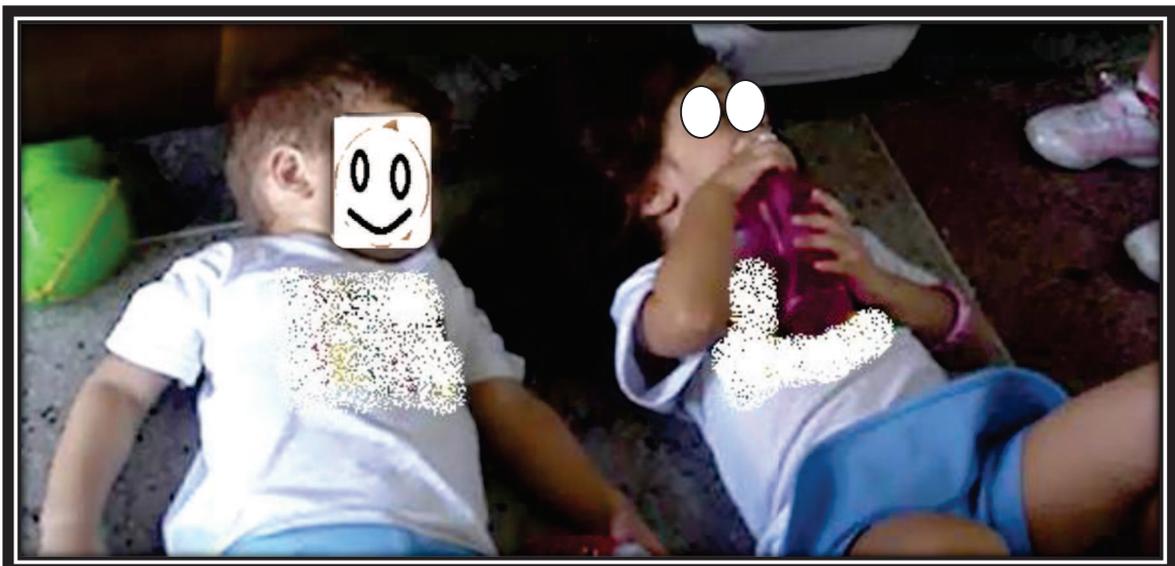
(representação de músicos tocando bateria...)



(Representação de soldados marchando no meio de uma batalha...)



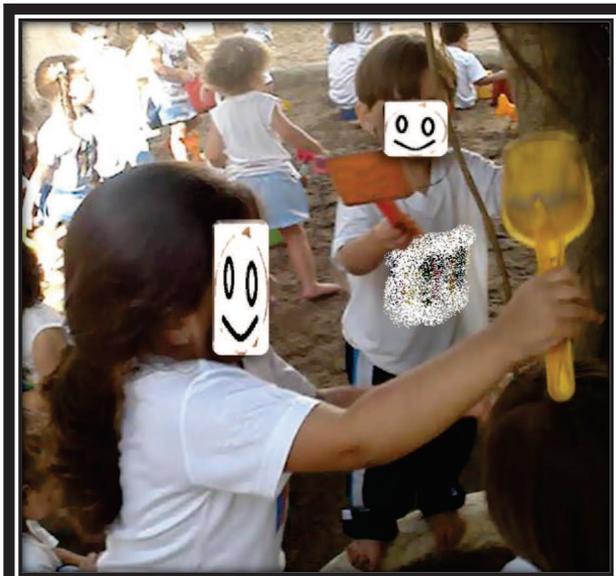
(Representação de pessoas cozinhando...)



(Representação de bebês tomando mingal...)



(Representação de uma mãe dando banho no bebê/no outro quadro uma pessoa tomando banho...)



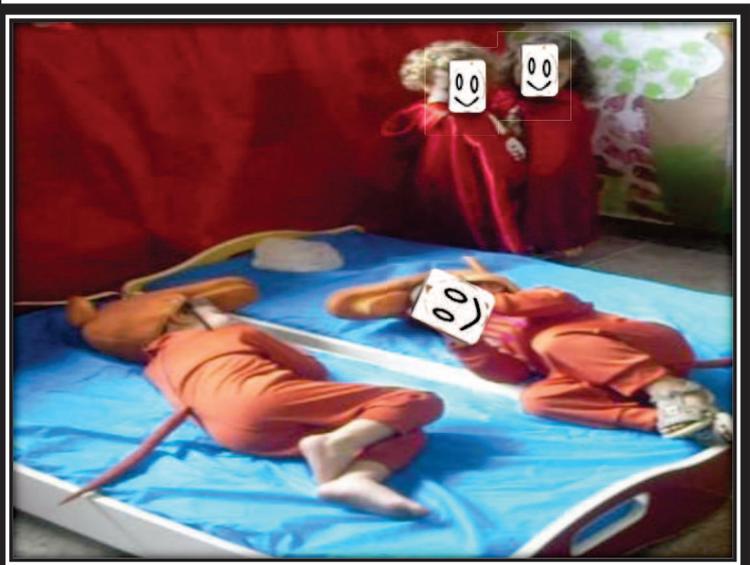
(Representação de cortadores de lenha!)



(Representação espontânea da história da chapeuzinho)

## Representação planejada da história da chapeuzinho vermelho!(Apresentação para os pais)







Portanto o teatro pode ser usado em tudo e para tudo, não tem contra indicação, só depende da criatividade e disponibilidade do professor.

Sitarry Sávila